

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO**

DANIELLE LOUISE ROCHA BRITO

A COR DA MÍDIA ESPORTIVA BRASILEIRA: a presença da mulher negra no
telejornalismo esportivo

**SÃO LUÍS
2024**

DANIELLE LOUISE ROCHA BRITO

**A COR DA MÍDIA ESPORTIVA BRASILEIRA: a presença da mulher negra no
telejornalismo esportivo**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em
Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão –
UFMA, como requisito para obtenção do Grau de
Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Flávia de Almeida Moura.

SÃO LUÍS
2024

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Rocha Brito, Danielle Louise.

A COR DA MÍDIA ESPORTIVA BRASILEIRA : a presença da
mulher negra no telejornalismo esportivo / Danielle Louise
Rocha Brito. - 2024.

65 p.

Orientador(a): Flávia de Almeida Moura.

Monografia (Graduação) - Curso de Comunicação Social -
Jornalismo, Universidade Federal do Maranhão, São Luís,
2024.

1. Telejornalismo Esportivo. 2. Jornalistas Negras.
3. Canal Sportv. 4. . 5. . I. de Almeida Moura,
Flávia. II. Título.

DANIELLE LOUISE ROCHA BRITO

**A COR DA MÍDIA ESPORTIVA BRASILEIRA: A PRESENÇA DA MULHER
NEGRA NO TELEJORNALISMO ESPORTIVO**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em
Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão –
UFMA, como requisito para obtenção do Grau de
Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Flávia de Almeida Moura.

Aprovada em ____ de ____ de ____

BANCA EXAMINADORA

Orientadora Professora Flávia de Almeida Moura
Departamento de Comunicação Social

Professora Li-Chang Shuen Cristina Silva
Departamento de Comunicação Social

Professora Letícia Conceição Martins Cardoso
Departamento de Comunicação Social

Dedico este trabalho a todas as mulheres negras, jornalistas, que desejam encontrar seu espaço no jornalismo esportivo. Vocês não estão sozinhas!

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer à minha família – meu avô José Casemiro, minha avó Léa, minhas irmãs Dayane e Daysiane e meus pais Gracilene e José Luís –, por todo o apoio durante esta graduação que não foi tão fácil para mim. São minha luz em meio a tudo que me aconteceu em todos estes anos.

Neste processo, perdi meus avós, que são fontes de inspiração para mim e que são a base do que sou. Foi o meu avô que um dia me disse, quando eu tinha por volta dos 17 anos, que eu deveria seguir em frente na minha escolha de fazer Jornalismo, pois não há muitas mulheres negras jornalistas. Queria que tanto ele, quanto minha avó, estivessem aqui para presenciar a conclusão do meu curso. Mas me sinto feliz, pois foi com eles e cada um destes que citei que cheguei até aqui. Sem eles eu não saberia que caminho traçar.

Quero dedicar um parágrafo em especial, para as minhas irmãs Dayane e Daysiane, que, sobretudo, são minhas amigas. Obrigada por me fazerem ter confiança em mim mesma, obrigada por me dizerem sempre que eu conseguiria concluir esta monografia. E também agradeço por terem me ajudado neste processo. Vocês são meu guia!

Agradeço também a todos os meus amigos flamenguistas, em especial a Lilian Porto, com quem vislumbro vários projetos para falar de Flamengo e futebol. Foram eles que me fizeram amar ainda mais o jornalismo esportivo e querer seguir em frente nesta área. Obrigada por todas as interações e conversas sobre esportes, política e sociedade, tão envolvidos um com o outro.

Um agradecimento especial, novamente, ao meu pai, José Luís, que me fez amar o Clube de Regatas do Flamengo, meu time do coração. Foi através desse amor que comecei a me interessar ainda mais pelos programas de esportes e comecei a me dedicar a estudar sobre o tema. É por amar este clube que também me vi como uma jornalista esportiva em frente às câmeras, o que jamais tinha imaginado antes. Foi então que percebi como ser jornalista negra no meio esportivo é resistência. Obrigada, pai!

Eu também não poderia deixar de registrar meu agradecimento à Agência Tambor – Emílio, Lívia, Rejane, Biné –. Mas, especificamente, quero prestar minha gratidão ao Emílio, que em todo meu tempo na Tambor, me ensinou, me acolheu, compreendeu todos os processos que passei, inclusive durante a conclusão desta monografia. Sou muito grata.

E eu não poderia deixar de agradecer a mim mesma por seguir firme ainda diante os obstáculos e por finalmente respeitar meu processo, com muita ajuda da minha psicóloga Juliana Galeno. Obrigada, Ju! Foi entendendo e abraçando quem sou que finalizo este trabalho com tanto orgulho de mim mesma. Foram muitos anos desacreditando que eu escreveria uma monografia e cá estou eu, finalizando, em meio a lágrimas, pois sei o quanto caminhei. Estou completando um importante ciclo em minha vida.

RESUMO

Como as mulheres negras estão ocupando os espaços no telejornalismo esportivo brasileiro? Esta é a pergunta central deste estudo, que busca discutir, por meio de uma contextualização histórica e social, sobre como as pessoas negras foram escravizadas durante o período colonial no Brasil e como isto afetou e afeta o modo como elas exercem seus trabalhos na atualidade. À luz de autores, como Lélia Gonzalez (1982 e 1984), Cida Bento (2022), Beatriz Nascimento (1976), Angela Davis (2016) e Silvio Almeida (2019), foi possível fazer uma breve linha do tempo para entender o tipo de opressão racial e de gênero que mulheres negras sofrem. E desta forma, entender como elas estão ocupando o espaço do telejornalismo esportivo brasileiro, com foco para a pesquisa documental do canal da Rede Globo SporTV. Para esta investigação, também foram utilizados autores das teorias do jornalismo, como Felipe Pena (2005), Nelson Traquina (2005), Nelson Werneck Sodré (1998) e Muniz Sodré (2019). Na investiga o, são questionadas jornalistas negras que atuam no canal, trazendo as impressões delas sobre a inser o das mulheres negras no telejornalismo esportivo brasileiro. A conclusão   que, apesar de alguns avanços e conquistas, ainda há um longo caminho a ser percorrido para que jornalistas negras sejam reconhecidas e respeitadas no telejornalismo esportivo no Brasil.

Palavras chave: Telejornalismo Esportivo. Jornalistas negras. Canal SporTV.

ABSTRACT

This study explores how Black women occupy spaces in Brazilian sports broadcast journalism. The research is grounded in a historical and social context, examining how the enslavement of Black people during Brazil's colonial period has shaped and continues to influence their roles in the workforce today. By referencing authors such as Lélia Gonzalez (1982, 1984), Cida Bento (2022), Beatriz Nascimento (1976), Angela Davis (2016), and Silvio Almeida (2019), the study constructs a timeline to understand the racial and gender-based oppression Black women face. The focus is on how these women are entering the field of Brazilian sports journalism, with a documentary research of the Rede Globo SporTV channel. Journalism theories from authors like Felipe Pena (2005), Nelson Traquina (2005), Nelson Werneck Sodr  (1998), and Muniz Sodr  (2019) are also used. Interviews with Black female journalists working at the channel reveal their perspectives on the inclusion of Black women in Brazilian sports journalism. The study concludes that, despite some progress, there is still a long way to go before Black female journalists achieve full recognition and respect in Brazilian sports journalism.

Keywords: Sports Broadcasting. Black Female Journalists. SporTV Channel.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. RACISMO ESTRUTURAL, HERANÇA DO PERÍODO ESCRAVOCRATA.....	12
2.1 Mulher Negra: Preconceito de Raça e Gênero.....	17
3. NEGROS E NEGRAS NO MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO.....	19
3.1 Jornalismo e o Mercado de Trabalho.....	22
3.2 O Perfil Racial do Jornalismo Brasileiro.....	24
4. O JORNALISMO ESPORTIVO NA TELEVISÃO BRASILEIRA.....	26
4.1 O Surgimento do SporTV.....	28
4.1.1 Ubuntu Esporte Clube.....	28
4.2 Critérios da Análise de Pesquisa Documental.....	30
5. ANÁLISE DA PARTICIPAÇÃO FEMININA NO TELEJORNALISMO ESPORTIVO BRASILEIRO.....	32
5.1. A Presença da Mulher Negra no Telejornalismo Esportivo Brasileiro.....	36
5.1.1 A Jornalista Negra Pioneira No Jornalismo Esportivo Brasileiro.....	37
5.2 Quem São As Jornalistas Mulheres Brancas e Negras em Destaque no SporTV Entre 2023 e 2024?.....	38
5.3 Algumas Impressões de Jornalistas Negras do SporTV.....	46
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
7. REFERÊNCIAS.....	57
APÊNDICES.....	60

1. INTRODUÇÃO

A motivação para a realização deste trabalho vem de uma inquietação pessoal. Eu, uma mulher negra que adora esportes, especialmente o futebol, observo as poucas mulheres negras representadas nos programas de esportes televisivos. O questionamento é se houve mudanças no telejornalismo esportivo nos últimos anos com relação às diversas identidades.

A pesquisa busca analisar como a mulher negra está ocupando o lugar no telejornalismo esportivo. Para tanto, foi realizada uma pesquisa documental (Nasser, 2008) observando programas do canal esportivo fechado da Rede Globo, o SporTV. O período de análise foi entre 2023 e o primeiro semestre de 2024.

Os primeiros capítulos deste trabalho problematizam a questão sobre negros e negras no mercado de trabalho brasileiro, fazendo o recorte de gênero necessário para analisar como a mulher negra está inserida neste mercado. Assim como busca entender o período da escravidão, no Brasil-Colônia, como um norte para uma justificava de como as mulheres negras estão inseridas nos programas do SporTV. Também trazemos uma análise sobre este canal à luz do jornalismo esportivo, identificando o movimento para tentar chegar à igualdade e equidade de gênero e raça, que foi realizado no período recortado para esta investigação.

Em um país que, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em seu último levantamento feito em 2022, 56% das pessoas se autodeclararam negras e que, portanto, segue sendo majoritariamente composto de pessoas negras, mas que não ocupam os mesmos ambientes e funções de pessoas não negras. As questões raciais estruturam a base social brasileira, por conta de centenas de anos de escravidão de negros e negras por parte da monarquia portuguesa, a partir de 1500. Desde então, a branquitude predomina nos espaços sociais, nos cargos de liderança, de poder, dificultando ainda mais a equidade e a igualdade de gênero.

A autora Cida Bento (2022) evidenciou, na obra Pacto da Branquitude, como é possível observar uma sociedade branca e masculinizada. Nesse sentido, pessoas não brancas são ainda mais invisibilizadas. Se majoritariamente são homens brancos que dominam os cargos públicos, elaborando leis e batendo seus martelos quanto às

decisões mais importantes do país, não é viável que a realidade de pessoas racializadas se modifiquem rapidamente.

A imagem de uma masculinidade branca, forte, viril, “vencedora”, utilizada por presidentes conservadores como Trump a partir da associação com atletas brancos. (...) Os atletas “vencedores” seriam o equivalente ao presidente duro e autoritário que levaria a nação ao sucesso. A branquitude convicta e autoritária permite ao político ser grosseiro, violento, antidemocrático e abertamente racista, homofóbico e machista, uma atitude que provoca identificação de muitos apoiadores de lideranças públicas, mais do que suas políticas (Bento 2022, p. 29).

Se é desta forma que a sociedade se estrutura, como a Bento (2022) descreve acima, é preciso analisar como pessoas não brancas rompem as barreiras do racismo. E do ponto de vista do telejornalismo esportivo, ainda possuem a questão do sexismo, por ser um ambiente masculino, especialmente se tratando do futebol, esporte altamente popular no Brasil.

Analisamos o perfil racial das redações brasileiras, que dará subsídio à esta pesquisa, demonstrando e quantificando quantos jornalistas negros estão ocupando os veículos de comunicação, assim como indicando o percentual que representam em relação aos cargos de chefia, liderança ou diretoria. Com este perfil racial, poderemos ter números mais próximos do que podemos encontrar no telejornalismo esportivo brasileiro, também relacionado ao recorte de gênero, tratando-se de mulheres negras.

Uma vez levantados estes dados, poderemos qualificar os espaços que estas mulheres estão inseridas no canal SporTV, uma vez que é preciso entender se elas possuem papéis de destaque para comentar, narrar ou reportar acontecimentos do meio esportivo, com enfoque no futebol.

Também foram realizados questionários com algumas destas jornalistas que apareceram na pesquisa documental, como Débora Gares, Rafaelle Seraphim e Jordana Araújo, que trabalham no SporTV. As respostas foram imprescindíveis para entender como estas jornalistas pensam sobre esse contexto de racismo e sexismo do telejornalismo esportivo brasileiro.

A monografia está estruturada em três partes principais. Na primeira, trazemos o contexto do racismo e sexismo no Brasil, no âmbito do mercado de trabalho; na segunda, apresentamos o objeto em si – mulheres no telejornalismo esportivo no

Brasil --, e no terceiro, analisamos o canal SportTV, trazendo elementos empíricos para dialogar com as teorias supracitadas.

Buscamos, assim, contribuir para o campo do jornalismo esportivo, indicando suas limitações e apontando os desafios para a inclusão das identidades diversas de gênero e raça.

2. RACISMO ESTRUTURAL, HERANÇA DO PERÍODO ESCRAVOCRATA

A história do Brasil contemporâneo é marcada pela colonização europeia, que iniciou por volta dos 1500, com as invasões dos portugueses. A imposição da cultura de Portugal junto aos extermínios dos povos indígenas e a escravização de negros africanos, traficados, forjou um país com sangue e suor de pessoas não-brancas.

Com estas invasões europeias nas Américas, houve um movimento de empobrecimento do continente africano e asiático. Portanto, a situação dos continentes foi invertida, enquanto a Europa tornou-se uma região relativamente rica, a África e a Ásia tiveram problemas estruturais de pobreza (Bento, 2022). Além disso, toda a estrutura cultural, econômica e social foi modificada neste período.

À medida que a Europa foi se expandindo pelo mundo e os europeus foram acessando e se apropriando dos recursos materiais e simbólicos dos “outros”, a narrativa da branquitude foi sendo construída (Bento, 2022, p. 30)

A partir desta modificação sobre questões sociais, culturais, econômicas, surgiu o racismo que se estruturou no Brasil. Esse tipo de segregação velada envolveu o país, colocando pessoas não-brancas em posições de marginalização junto à sociedade brasileira. A história da raça ou das raças é constituída por uma política e econômica das sociedades contemporâneas (Almeida, 2019).

Se antes desse período ser humano relacionava-se ao pertencimento a uma comunidade política ou religiosa, o contexto da expansão comercial burguesa e da cultura renascentista abriu as portas para a construção do moderno ideário filosófico que mais tarde transformaria o europeu no homem universal (atentar ao gênero aqui é importante) e todos os povos e culturas não condizentes com os sistemas culturais europeus em variações menos evoluídas (Almeida, 2019, p. 18).

Ao mesmo tempo em que não houve uma segregação explícita, a partir desta estrutura escravocrata, o Brasil ficou marcado com a violência com pessoas negras e indígenas. Isto influencia, atualmente, onde esses corpos estão ocupados e como eles não estão nos espaços de poder de decisão social, sobre suas próprias vivências e experiências históricas.

Segundo os dados do estudo Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil de 2021, analisados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), havia 8,4% da população na extrema pobreza. O percentual de pobreza entre pretos foi de 34,5% e entre os pardos, 38,4%. Enquanto para pessoas brancas, a taxa era

de 18,6%. Esses números demonstram o nível estrutural de pobreza que foi consolidado no Brasil colonial. E essa desigualdade reflete em todos os âmbitos sociais da sociedade brasileira. Pessoas brancas, por mais que haja o recorte de classe, ainda detêm mais privilégios sobre pessoas negras. Ou seja, elas conseguem ocupar os espaços de poder. Um exemplo dessa desigualdade são os números do Perfil Étnico-Racial do Ministério Público brasileiro 2023, apenas 6,5% das mulheres negras e 13,2% homens negros, respectivamente, 6,5% compõem o Ministério Público do Brasil nos últimos cinco. O número de brancos chega a 81,9%.

Sob esta perspectiva, o racismo não se resume a comportamentos individuais, mas é tratado como o resultado do funcionamento das instituições, que passam a atuar em uma dinâmica que confere, ainda que indiretamente, desvantagens e privilégios com base na raça (Almeida, 2019, p. 25).

Essa realidade brasileira é reflexo dessa herança escravocrata, que colocou o negro em lugar de pouco destaque social. Isso de um país-colônia que desenvolveu sua riqueza a partir dos corpos de pessoas negras e indígenas. “O tráfico negreiro foi a atividade mais importante do Brasil na primeira metade do século XIX, e foi a escravidão nas colônias que proporcionou o desenvolvimento do capitalismo industrial nas metrópoles” (Bento, 2022).

Apesar deste histórico, não houve sequer qualquer tipo de indenização a esses povos que sofreram diversas violências no Brasil colônia. A luta por esta reparação é contemporânea, com ações afirmativas implantadas a partir de governos federais, somente no século XXI. Foram 400 anos de escravidão de corpos negros, que sofrem as consequências desse Brasil escravocrata até hoje, no ano de 2024.

Descendentes de escravocratas e descendentes de escravizados lidam com heranças acumuladas em histórias de muita dor e violência, que se refletem na vida concreta e simbólica das gerações contemporâneas. Fala-se muito na herança da escravidão e nos seus impactos negativos para as populações negras, mas quase nunca se fala na herança escravocrata e nos seus impactos positivos para as pessoas brancas (Bento, 2022, p. 23).

No período pós-escravocrata, o Brasil vivenciou uma construção ideológica que perpetuou o racismo. Ainda que estivessem libertos, as pessoas negras sofreram com a marginalização, beneficiando apenas a elite brasileira, majoritariamente branca. Segundo Lélia Gonzalez (2020), essa construção em representação e discurso, relaciona-se ao conceituado mito da democracia racial.

Na medida em que somos todos iguais “perante a lei” e que o negro é ‘um cidadão igual aos outros’, graças à Lei Áurea nosso país é o grande complexo da harmonia inter-racial a ser seguido por aqueles em que a discriminação racial é declarada. Com isso, o grupo racial dominante justifica sua indiferença e sua ignorância em relação ao grupo negro (Gonzalez, 2020, p. 31).

Outra face desta marginalização das pessoas negras na sociedade pós-abolição, tem a ver em como não obtiveram terras para construírem suas residências e, por conta desta condição, precisam buscar espaços com poucas condições de vida. A população negra se concentrou no chamado Brasil subdesenvolvido (Gonzalez, 2020). Desta forma, construíram as chamadas favelas ou ocuparam as periferias dos municípios. Desde a independência aos dias atuais, todo um pensamento e uma prática político-social preocupados com a chamada "questão nacional", tem procurado excluir a população negra de seus projetos de construção da nação brasileira (Gonzalez, 1984).

Estes pontos conceberam um país onde negros e negras não ocupam os espaços de poder, apesar de, atualmente, representarem 56% dos brasileiros, segundo o levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2022. Nesse sentido, há uma falsa democracia racial, como descrita por Gilberto Freyre em sua obra *Casa Grande e Senzala*.

Quanto à miscibilidade, nenhum povo colonizador, dos modernos, excedeu ou sequer igualou nesse ponto aos portugueses. Foi misturando-se gostosamente com mulheres de cor logo ao primeiro contato e multiplicando-se em filhos mestiços que uns milhares apenas de machos atrevidos conseguiram firmar-se na posse de terras vastíssimas e competir com povos grandes e numerosos na extensão de domínio colonial e na eficácia de ação colonizadora. A miscibilidade, mais do que a mobilidade, foi o processo pelo qual os portugueses compensaram-se da deficiência em massa ou volume humano para a colonização em larga escala e sobre áreas extensíssimas (Freyre, 2003, p. 33).

Freyre foi o autor que disseminou o mito da democracia racial, que descreve a miscigenação e a formação da população brasileira como um processo histórico positivo. Assim como uma colonização portuguesa marcada por um falso progresso econômico e cultural dos negros que foram escravizados e dos povos originários, a partir da invasão europeia. Para o autor, o Brasil teve êxito com a colonização. No entanto, a realidade do país se tornou diferente da descrita por Gilberto Freyre, demonstrado por autoras como Lélia Gonzalez, Cida Bento, Beatriz Nascimento e

Silvio Almeida. Intelectuais já citados nesta pesquisa e que ainda serão abordados posteriormente.

Segundo demonstram estes autores, o caminho que o Brasil seguiu após a abolição da escravidão, foi de exclusão e falta de representação de negros e negras, nos espaços mais importantes do país. E isso também reflete no mercado de trabalho, com os ex-escravizados exercendo trabalhos com os salários considerados mais baixos. A pesquisa sobre esta realidade será demonstrada nos capítulos seguintes.

No Brasil contemporâneo, as pessoas negras, em sua maioria, têm ocupado o mercado de trabalho nos serviços domésticos, herança do período escravocrata. A estrutura se beneficiou da mão de obra barata de negros e negras. Isso porque a comunidade nada mais é do que os operários de reserva, utilizável segundo as necessidades do sistema (Gonzalez, 1982). Nesse sentido, é possível afirmar que não há maior representação da categoria nos grandes cargos da sociedade.

A partir desta compreensão do período escravocrata, a presente pesquisa busca analisar como a mulher negra está inserida no telejornalismo esportivo no Brasil contemporâneo, levando em consideração essa herança da escravidão colonial. Desta forma, foi preciso compreender o contexto histórico e social das pessoas negras no Brasil, a partir da abolição, entendendo que não há democracia racial no país e sim uma segregação, em que pessoas negras estão ocupando espaços de marginalização, tanto na questão de moradias, quanto no mercado de trabalho.

É necessário a contextualização do Brasil no período colonial com a escravização de pessoas negras e povos originários para se aprofundar sobre como o país foi estruturado. E como isso impacta no mercado de trabalho e reflete como uma herança da escravidão. Para fazer um parâmetro do telejornalismo esportivo brasileiro, objeto desta pesquisa, é fundamental traçar essa linha cronológica, demonstrando como há uma estrutura racista que molda a base social do país.

Assim, a desigualdade racial é uma característica da sociedade não apenas por causa da ação isolada de grupos ou indivíduos racistas, mas fundamentalmente porque as instituições são hegemônicas por determinados grupos raciais que utilizam mecanismos institucionais para impor seus interesses políticos e econômicos (Almeida, 2019, p. 27).

Nesta perspectiva de mito da democracia racial e como os negros estão em desvantagem social no Brasil do século XXI, por conta dos aspectos sociais, culturais citados acima, será analisado, neste trabalho, como as mulheres negras estão inseridas no contexto do telejornalismo esportivo brasileiro. Neste contexto, será exposto como estas características do pacto da branquitude, conceituado por Cida Bento, reflete na mídia brasileira e em como as mulheres negras são representadas especificamente no telejornalismo.

É urgente fazer falar o silêncio, refletir e debater essa herança marcada por expropriação, violência e brutalidade para não condenarmos a sociedade a repetir indefinidamente atos anti-humanitários similares. Trata-se da herança inscrita na subjetividade do coletivo, mas que não é reconhecida publicamente” (Bento, 2022, p. 15).

Para conseguirmos fazer uma análise mais direcionada sobre como as mulheres negras estavam inseridas na sociedade durante o período escravocrata, e como isso reflete no Brasil contemporâneo, traçamos um histórico sobre o preconceito de raça e gênero. Por que, para além da raça, o gênero também é significativo para discriminar as mulheres negras e colocá-las em um posto de subalternidade?

A autora Lélia Gonzalez (1982) fez um estudo amplo de como as mulheres negras foram exploradas durante o período do Brasil-Colônia e demonstrou, em sua pesquisa, o racismo que compõem a sociedade contemporânea, a partir desta herança de escravidão e exploração. Para Angela Davis (2016), sobretudo, a raça e o gênero estão ligados também à classe social e isto também é consequência do passado de escravidão. Mulheres negras estão em ambientes diferentes de mulheres brancas, assim como o tratamento social para elas também se diferencia.

Proporcionalmente, as mulheres negras sempre trabalharam mais fora de casa do que suas irmãs brancas. O enorme espaço que o trabalho ocupa hoje na vida das mulheres negras reproduz um padrão estabelecido durante os primeiros anos da escravidão. Como escravas, essas mulheres tinham todos os outros aspectos de sua existência ofuscados pelo trabalho compulsório. Aparentemente, portanto, o ponto de partida de qualquer exploração da vida das mulheres negras na escravidão seria uma avaliação de seu papel como trabalhadoras” (Davis, 2016, p. 24).

Na próxima seção, abordamos essa temática de forma mais aprofundada, entendendo as nuances do que a mulher negra é e foi para sociedade brasileira, a partir do Brasil-Colônia, refletindo diretamente no legado das afro-brasileiras.

2.1 Mulher negra: preconceito de raça e gênero

Além do recorte racial que é preciso ser analisado para retratar como se apresenta a sociedade brasileira pós-escravidão, é necessário ter um olhar para o gênero. Ou seja, é essencial a reflexão de como as mulheres negras estão representadas e como ocupam os espaços sociais, profissionais e familiares.

Voltamos à época do Brasil-Colônia para observar como, a partir da dinâmica exploratória daquelas mulheres escravizadas, as mulheres negras do Brasil contemporâneo sofrem as consequências da marginalização e exclusão social. O processo foi semelhante ao dos homens negros, ao mesmo tempo que houve questões específicas que configuram como elas estão representadas no século XXI.

(...) O sistema não suavizou o trabalho dessa mulher. Encontramo-la também nas duas categorias de Freitas: a trabalhadora e a mucama. E o que percebemos é que, em ambas as situações, coube-lhe a tarefa de doação de força moral para seu homem, seus filhos ou seus irmãos de cativeiro (Gonzalez, 1982, p. 92).

Para entender a presença de mulheres negras no telejornalismo esportivo, deve-se compreender como elas foram tratadas durante o período escravocrata e, por mais que haja semelhança na questão de gênero, quando se trata de raça e etnia, muito se difere em como as mulheres brancas são socialmente representadas atualmente.

Proporcionalmente, as mulheres negras sempre trabalharam mais fora de casa do que suas irmãs brancas. O enorme espaço que o trabalho ocupa hoje na vida das mulheres negras reproduz um padrão estabelecido durante os primeiros anos da escravidão. Como escravas, essas mulheres tinham todos os outros aspectos de sua existência ofuscados pelo trabalho compulsório. Aparentemente, portanto, o ponto de partida de qualquer exploração da vida das mulheres negras na escravidão seria uma avaliação de seu papel como trabalhadoras (Davis, 2016, p. 24).

A estrutura escravocrata, como elencou a autora Angela Davis, já demonstrava que, enquanto mulheres brancas lutavam por sua emancipação, mulheres negras já exerciam trabalhos na época da escravidão. Elas eram percebidas como objetos lucrativos para os senhores escravocratas. E, nesse sentido, seu gênero era ignorado. As mulheres negras eram praticamente anomalias (Davis, 2016). É possível notar a relação de gênero e raça na base da criação da sociedade brasileira. Por conta desta realidade, iremos analisar como estas mulheres ainda estão sendo representadas atualmente.

As análises das autoras Angela Davis (2016), Cida Bento (2022) e Lélia Gonzalez (1982 e 1984) expressam como as mulheres negras estão inseridas de modos diferentes no mercado de trabalho, como analisamos nos capítulos posteriores.

É nesse sentido que o racismo, enquanto articulação ideológica e conjunto de práticas, denota sua eficácia estrutural na medida em que remete a uma divisão racial do trabalho extremamente útil e compartilhado pelas formações socioeconômicas capitalistas e multirraciais contemporâneas. Em termos de manutenção do equilíbrio do sistema como um todo, ele é um dos critérios de maior importância na articulação dos mecanismos de recrutamento para as posições na estrutura de classes e no sistema de estratificação social (Gonzalez, 1984, p. 03).

Como aborda Gonzalez (1984), o racismo se torna uma prática ideológica que marginaliza mulheres negras, colocando-as especialmente em trabalhos que ainda são considerados de subalternos. Com isso, elas conquistaram seus espaços em outros cargos de forma lenta e ainda sem grande representação. Se hoje temos telejornalistas negras, foi um passo alcançado de forma paulatina, e ainda assim, temos de analisar profundamente como estão estas representatividades com relação às não negras.

Quando observamos um canal esportivo como o SporTV, perguntamo-nos: onde estão as mulheres negras? Como elas estão ocupando esses espaços que parecem ser majoritariamente brancos? Estas são perguntas relevantes que este trabalho busca responder com a metodologia da pesquisa documental (Nasser, 2008).

No entanto, antes das respostas, também iremos ressaltar no próximo capítulo, como pessoas negras, independentemente do gênero, estão atuando no mercado brasileiro. Mais uma vez, este trabalho é resultado de um Brasil que explorava e escravizava homens e mulheres negras. Após a abolição, que tipo de ações afirmativas obtiveram para que pudessem reconstruir suas vidas? Que tipo de trabalho passaram a exercer na condição de ex-escravizados?

3. NEGROS E NEGRAS NO MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO

Como já abordado, a sociedade brasileira foi moldada por uma base de pessoas negras que foram escravizadas. Essa condição reverbera até o Brasil contemporâneo, na vida de seus descendentes, sejam pardos ou pretos, especialmente quando se trata do mercado de trabalho do país.

De acordo com Gonzalez (1982) no período pós-abolição não houve políticas públicas que pudessem inserir os ex-escravizados no mercado de trabalho. Os negros estavam livres, porém não possuíam recursos ou condições para se adequarem à sociedade da época. Seja de moradia ou de trabalho.

O lugar natural do grupo branco dominante são moradias amplas, espaçosas, situadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo e devidamente protegidas por diferentes tipos de policiamento: desde os feitores, capitães do mato, capangas, etc., até a polícia formalmente constituída. Desde a casa grande e do sobrado, aos velhos edifícios e residências atuais, o critério tem sido sempre o mesmo. Já o lugar do negro é o oposto, evidentemente: da senzala às favelas, dos cortiços, porões, invasões, alagados e conjuntos “habitacionais” (cujos modelos são os guetos dos países desenvolvidos) dos dias de hoje, o critério também tem sido simetricamente o mesmo: a divisão racial do espaço (Gonzalez, 1982, p. 15).

Esta realidade, a partir de um passado colonial, como demonstrado por Gonzalez (1982) colocou as pessoas negras em funções consideradas de subalternas, domésticas, como empregadas, motoristas particulares, pedreiros, porteiros e muitas outras. É possível perceber a diferença de ocupação dos espaços de poder, e como Cida Bento abordou, o que ela conceituou como pacto da branquitude, não há um diálogo aberto em como os descendentes de senhores de escravos estão localizados, que cargos eles ocupam. O Brasil se tornou um país onde majoritariamente pessoas brancas estão nos espaços de poder, incluindo àqueles em que as importantes decisões para a população são tomadas, como no poder executivo e legislativo. E isto reflete diretamente a realidade dos afrodescendentes.

Alves (2022) apontou como a força de trabalho das pessoas escravizadas remete às raízes da divisão racial do trabalho no Brasil. O racismo tornou-se a base da divisão de classe sociais, colocando as pessoas negras na marginalização e determinando a exclusão delas nesses espaços de poder e as posicionando nos cargos informais ou os chamados de subsistências, sendo trabalhos com a finalidade de apenas sobreviver a esta sociedade excludente.

Outra característica determinante para esta relação dos negros e negras com o mercado de trabalho, é a forma como este proletariado foi submetido a uma relação alienante. De acordo com Alves (2022), foram utilizados instrumentos considerados violentos para impulsionar sua força de trabalho, assim como fazer estas pessoas serem dominadas pelo seu dia-a-dia no trabalho. Com a exaustão de suas informações, esta população estabelece uma relação com sociedade de ser mão-de-

obra, vendendo seus serviços e dificultando a formação acadêmica e intelectual. Esta foi uma forma de exercer mais dominação sobre os descendentes do ex-escravizados, sendo um modo de escravização moderna.

A pesquisadora Flávia de Almeida Moura, orientadora deste trabalho, em sua análise e estudo sobre o trabalho escravo e mídia, abordou sobre o conceito do trabalho escravo contemporâneo e como ele ainda dita as formas como as pessoas negras estão representadas e inseridas na sociedade brasileira.

O trabalho escravo contemporâneo é datado no Brasil. A chamada escravidão contemporânea torna-se visível no Brasil ao final da década de 60, momento em que o país vivia o início do seu milagre econômico e a região amazônica tornava-se alvo de vultosos projetos de infraestrutura, visando à implantação de empreendimentos econômicos assentados na utilização predatória dos recursos naturais e da força de trabalho (Moura, 2016, p. 84).

A escravidão contemporânea é reflexo de uma abolição, que, apesar de ter libertado negros e negras de sua condição de escravizados, o Estado não proporcionou meios com que esta população se inserisse socialmente.

Quando há um estudo com recorte de gênero, nota-se como as mulheres negras foram inseridas na sociedade brasileira colonial, em um processo diferente dos homens negros. Nascimento (1976) descreveu como se constituíram as hierarquias sociais e raciais. Ela desenvolveu como de um lado haviam os senhores de terras, que concentravam o poder econômico e político. E de um outro, os escravos. A sociedade colonial, portanto, estabeleceu uma estrutura patriarcal que se refletiu na mulher, seja ela branca ou não-branca, determinando exatamente onde as mulheres pretas e pardas, descritas como negras pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), estão representadas e apresentadas na sociedade contemporânea e moderna brasileira.

A mulher negra, elemento que expressa mais radicalmente a cristalização dessa estrutura de dominação, vem ocupando os mesmos espaços e papéis que foram atribuídos desde a escravidão. Dessa. Dessa maneira a "herança escravocrata" sofre uma continuidade no que diz respeito à mulher negra. Seu papel como trabalhadora, grosso modo, não mudou muito. As sobrevivências patriarcais na sociedade brasileira fazem com que ela seja recrutada e assuma empregos domésticos nas áreas urbanas, em menor grau na indústria de transformação, e que permaneça como trabalhadora nos espaços rurais (Nascimento, 1976, p. 261).

Em o Pacto da Branquitude, Cida Bento (2022), aponta que empresas fazem planos de promoções de equidade e igualdade, apenas com a pressão dos

movimentos sociais. Além disso, ela afirma que as lideranças das instituições costumam falar frases como “Não vamos passar a mão na cabeça de ninguém”, “Precisa ter competência para ocupar cargos mais elevados”, “Nosso sistema é meritocrático”, demonstrando um desconforto quanto à mudança dos perfis embranquecidos de suas empresas.

Nesse sentido, ainda carregam uma forte ideologia do racismo que colocou pessoas negras na marginalização. Sendo assim, são nos cargos considerados de submissão que as lideranças, chefias, enxergam que essas pessoas podem ocupar. Isso tudo fruto desta herança escravocrata brasileira.

Por meio desta análise do Brasil-Colônia, é possível compreender como as mulheres negras estão presentes no telejornalismo esportivo brasileiro, que é o fruto desta pesquisa. Para chegar a este estudo específico, foi preciso traçar este contexto histórico para entender como foi o processo de inclusão ou exclusão e como estes tipos de trabalhos para as mulheres negras estão sendo compostos. Estas observações são necessárias para compreender que tipo de espaços as mulheres de diferentes etnias, com foco nas mulheres negras, ocupam as principais emissoras de telejornalismo esportivo. E neste caso, o canal SporTV, especializado em esportes, do Grupo Globo.

Uma vez traçado este histórico sobre a mulher negra e o mercado de trabalho, também será preciso analisar como está o Jornalismo no mercado de trabalho. Um breve relato de como a profissão foi sendo aperfeiçoada no Brasil, para que possamos entender quem são as pessoas que, em sua maioria, estão nas redações, nas TVs, quem está no comando deste jornalismo brasileiro. A seguir, iremos abordar este tema para compreensão do estudo.

3.1 Jornalismo e o mercado de trabalho

Para fazermos uma pesquisa mais aprofundada sobre a questão da mulher negra no contexto do telejornalismo brasileiro, também é preciso compreender, como dito anteriormente, como o jornalismo está inserido no mercado de trabalho.

No Brasil, os jornalistas precursores eram titulados, permitindo a entrada e a diversificação de pessoas neste mercado. Estes eram concedidos a médicos,

advogados, escritores e políticos. Assim como o advento das faculdades no país ampliou as atividades jornalísticas.

De acordo com Pena (2005), a primeira grande mídia da humanidade teria sido as narrações orais e após a invenção da escrita, a oralidade prosseguiu sendo importante para a comunicação na sociedade. Ele cita, em sua obra, que para os autores Bill Kovach e Tom Rosenstiel, no livro *Os elementos do jornalismo* (2003), “quanto mais democrática uma sociedade, maior é a tendência para dispor de mais notícias e informações”. Além disso, neste processo, segundo o autor, a criação dos jornais impressos possibilitou o surgimento do jornalismo moderno. (p. 24)

A expansão do jornalismo atual é identificada no século XIX, e assim, também aconteceu a geração de novos empregos. Segundo Traquina (2005) as tiragens de jornais aumentaram a comercialização da imprensa na época.

O jornalismo transformou-se num negócio com um número crescente de proprietários que começaram a publicar jornais com intuito de ter lucros e o objetivo central seria a expansão da circulação (Traquina, 2005, p. 36).

Segundo Pena (2005), a história de cada país teve influência direta na forma de fazer jornalismo. Sua expansão vai de encontro com a comercialização, no século XIX, e assim, a profissionalização dos jornalistas. Corroborando com a ideia de Pena (2005), o autor Nelson Traquina (2005), aborda que “o jornalismo que conhecemos hoje nas sociedades democráticas tem suas raízes no XIX”. A partir disso, foi criado o *mass media*, que é a imprensa. Desde então, as tiragens de jornais impressos se ampliaram, fazendo com que fosse possível a criação de novos empregos, novos cargos, para que os jornalistas se dedicassem somente a criação destas notícias. “O surgimento do jornalismo enquanto atividade remunerada está ligado à emergência dum dispositivo tecnológico, à emergência do primeiro *mass media*, a imprensa” (Traquina, 2005, p. 35).

Foi a partir da década de 1920 que o rádio passou a ser outro meio de comunicação tão importante quanto era o jornalismo impresso. A Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada por Roquette-Pinto, entrou no ar em 1923, sendo considerada a primeira emissora oficial do veículo no Brasil. A partir de então, o radiojornalismo ganhou corpo e as pessoas puderam se informar para além dos jornais impressos. Ali, o meio de comunicação se tornava um dos mais populares. No entanto, até aquele

momento, a maior fonte de notícias do rádio ainda era os jornais impressos. Em seguida, foram surgindo outras emissoras que também tinham o mesmo formato da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.

A mudança dos meios de comunicação proporcionou um número reduzido de grandes empresas de jornais, formando oligopólios, que também foram se adaptando às novas formas da mídia jornalística. O pensamento do autor Nelson Werneck Sodré (1999) complementa que a imprensa nasceu e acompanhou o desenvolvimento do capitalismo. Ele enfatizou que hoje um grande jornal é uma empresa capitalista de grandes proporções. E nesse sentido, podemos definir o jornalismo moderno no campo da economia da comunicação.

Nessa equação de mudanças no modo de noticiar, com uma nova tecnologia, sendo a televisão, foram surgindo também os telejornais. As pessoas passaram a acompanhar os jornais nas TVs e estas tinham grande importância para a sociedade também se informar. O Jornal Nacional, por exemplo, da Rede Globo, foi o primeiro telejornal do Brasil a ser transmitido em rede nacional. Ele teve sua estreia em 1º de setembro de 1969. Foi idealizado para competir com o Repórter Esso, da TV Tupi.

No século XX, com a eclosão das mídias digitais, viabilizou um novo mercado para o jornalismo. De forma simultânea, foi instituído um novo campo econômico e outras maneiras de produzir a notícia. Os pauteiros, editores, repórteres, ganharam funções diferentes como o jornalismo online, e, mais recentemente, o Webjornalismo.

Já o Webjornalismo teve um início semelhante ao radiojornalismo, com as notícias dos jornais impressos sendo reproduzidas de forma integral na internet. Por fim, após processos classificados como três gerações da nova prática jornalística, chega-se ao modo atual onde as notícias são elaboradas para a web, com formato já pensado na internet.

Deste modo, é possível fazer um histórico do que foi o jornalismo no mercado de trabalho e como ele foi se transformando ao longo das décadas, especialmente no século XX. Na próxima seção, faremos uma breve análise de qual é o perfil racial dos jornalistas que atuam nas redações. É uma pesquisa relevante para este trabalho, que busca refletir a presença da mulher negra no telejornalismo esportivo brasileiro.

3.2 O perfil racial do jornalismo brasileiro

Ao analisar o jornalismo brasileiro, segundo os dados do Perfil Racial da Imprensa Brasileira (PRIB) de 2021, percebe-se que é um espaço ocupado essencialmente por homens e, em sua maioria, brancos. Ainda que, segundo levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2022, pretos e pardos representam 56% da população brasileira.

De acordo com a pesquisa, 20,10% dos jornalistas de redação se autodeclararam negros. Os jornais ainda são ocupados, majoritariamente, por pessoas brancas, com 77,60%. E, desta porcentagem, 51,1% são homens brancos. Considerando estas informações, o jornalismo esportivo brasileiro também reflete esta questão social, sendo um ambiente predominantemente masculino.

Os números demonstram como a sociedade é contextualizada em uma estrutura racista, em que as pessoas brancas ocupam diversas posições, enquanto pessoas não brancas ainda são minoria em funções, ou sendo as menos contratadas, como é o caso do jornalismo.

As instituições públicas, privadas e da sociedade civil definem, regulamentam e transmitem um modo de funcionamento que torna homogêneo e uniforme não só processos, ferramentas, sistemas de valores, mas também o perfil de seus empregados e lideranças, majoritariamente masculino e branco. Essa transmissão atravessa gerações e altera pouco a hierarquia das relações de dominação ali incrustadas (Bento, 2022, p.18).

É importante observar que o contexto histórico explorado nos capítulos anteriores justifica porque as redações ainda são compostas majoritariamente de pessoas brancas. Cargos de diretorias e de chefias constituídos por estas pessoas não negras também contribuem diretamente para a baixa empregabilidade de pessoas negras nas redações.

Em uma entrevista, o intelectual Muniz Sodré (2019) declarou que, para ele, a comunicação é um novo modo de organização, de uma reorganização do mundo e da consciência. E, sendo assim, o preconceito racial também se destaca em meio a este processo. Ele também enfatizou como as ferramentas das mídias trabalham com um discurso discriminatório, que inclusive os algoritmos podem ser preconceituosos. De acordo com Sodré (2019), a comunicação não é necessariamente apenas a comunicação da mídia, ou a comunicação das redes, mas passa também pelos corpos

que se encontram. Corpos e discursos que se encontram. Ele também enfatizou que a barreira do preconceito racial somente pode ser quebrada com um processo de dentro da própria comunicação.

Com essa análise de Muniz Sodré, assim como Perfil Racial da Imprensa Brasileira, de 2021, podemos afirmar que o jornalismo ainda tem um viés discriminatório e racista. Tanto em conteúdo, quanto na ocupação de postos de trabalho. Essa realidade já se modificou, porém ainda não há uma mudança significativa. E é sobre estes pontos que também iremos explorar nos capítulos posteriores.

4. O JORNALISMO ESPORTIVO NA TELEVISÃO BRASILEIRA

A construção do telejornalismo brasileiro fez parte da própria cultura televisiva da população. A TV foi a herdeira direta do rádio na segunda metade do século XX, colocando-se como uma forma mais oral com uso das imagens (Arlindo, 2000). E não é de se estranhar que o jornalismo esportivo também tenha migrado para este novo gênero da comunicação.

A televisão é massiva porque seu público é medido sempre em milhões de telespectadores. Uma mensagem televisiva é abrangente e não conhece limites, a não ser os técnicos, para a recepção. Hoje não há quem não assista à TV, que também é um meio intimista porque, apesar de se dirigir a um público heterogêneo e numeroso, o discurso é dirigido a cada telespectador em particular. Desta forma, a televisão se coloca na articulação entre os níveis individual e coletivo (Sousa, 2005, p.43).

Num primeiro momento, o telejornalismo esportivo poderia ser visto como uma experimentação do jornalismo se unindo ao entretenimento. O gênero, inicialmente, era incorporado aos telejornais e tinha pouco espaço na televisão. Assim como não haviam programas e muito menos canais dedicados exclusivamente aos noticiários de esportes.

Mas antes de falar da introdução do telejornalismo no Brasil, é necessário trazer um histórico de como o jornalismo esportivo se consolidou no Brasil. Segundo a autora Li-Chang (2005), o gênero tornou-se relevante com a popularização do futebol, assim como o primeiro título da Copa do Mundo para a Seleção Brasileira, conquistado em 1958, na Suécia. O jornalismo esportivo se desenvolveu de forma rápida, com o crescimento da cobertura em jornais, revistas, rádios e televisão (Sousa, 2005).

Nesse sentido, como dito anteriormente, o noticiário esportivo não tinha o mesmo lugar que aqueles de interesse público, dentro dos critérios de noticiabilidade. E será necessário explicar o conceito desses critérios para entender também como o esporte ganhou mais importância na TV brasileira.

Segundo Wolf (citado por Pena, 2005), noticiabilidade seria a capacidade que os fatos têm de virar ou não notícia. Quanto maior o grau de noticiabilidade, maior essa capacidade.

(...) por mais paradoxal que pareça, é preciso colocara ordem da imprevisibilidade. É nesse momento que os critérios de noticiabilidade, usados como um conjunto de instrumentos e operações que possibilitam ao jornalista escolher os fatos que vão se transformar em notícias, evidenciam-se nos valores notícias. (...) O repórter negocia com o editor, que negocia com o diretor de redação, e assim por diante (Pena, 2005, p. 73).

A autora Li-Chang (2005) destacou que o grupo Globo estreou, em 1973, o programa Esporte Espetacular, inspirado no estadunidense ABC Sports. Desta forma, com a hegemonia da emissora, o futebol, uma vez já popularizado, foi ganhando ainda mais espaços na grade da emissora, até consolidar-se de uma vez, com o telejornalismo esportivo. Que, por mais que noticie outros esportes, o carro chefe permanece sendo o futebol. O aprimoramento no telejornalismo de modo geral, com a introdução do esporte nos noticiários, e a criação de um programa específico, a Rede Globo passou a ditar as normas de cobertura, seguidas pelas outras emissoras.

Principalmente pelo fato de a televisão de Roberto Marinho ter se constituído como uma rede de abrangência nacional desde 1969 (Sousa, 2005).

Neste sentido, a Rede Globo fundou o SporTV, que se tornou um dos principais canais de esporte do Brasil, junto com outros como ESPN, o extinto Fox Sports, que se junto aos Canais Disney, junto com o ESPN e ainda o TNT Sports. Ainda que estas outras emissoras tenham ganhado credibilidade diante do público que acompanha os esportes, a grande referência ainda é o SporTV. Com ele também tem os canais que exibem os jogos, chamado Premiere. Com este combo, a Rede Globo conseguiu fidelizar os amantes de futebol.

Hoje, as transmissões desse esporte, tão popular no país, ganharam outros meios, como a própria ESPN, *streamings* como *Prime Vídeo*, Disney Plus, Mercado Play, Caze TV, Canal Goat. Com tantas opções para acompanhar uma partida, o modelo ainda é o SporTV. Esse é um importante motivo para a escolha deste canal como análise neste trabalho. No item posterior, tratamos do surgimento deste veículo de comunicação esportiva.

4.1 O surgimento do SporTV

A partir desta nova tendência no telejornalismo e a hegemonia da Rede Globo, além da criação do Esporte Espetacular, em 1973, o grupo de Roberto Marinho estava construindo um outro conglomerado. Desta vez no esporte, especialmente no futebol, o mais popular do Brasil.

De acordo com dados do Memórias Globo, em 1991, foi inaugurada a Globosat com os quatro primeiros canais criados de TV fechada: GNT, Multishow, Top Sport e Telecine. Na época, lançados para poucos assinantes. O Top Sport foi o precursor do SporTV, focando ainda no futebol. Mas que, aos poucos, foi veiculando outras modalidades como surf, motocross e hipismo. Assim como também transmitiam competições de superbike e Fórmula 3.

Em 1993, Roberto Marinho e João Saad, presidente da Rede Bandeirantes de Televisão, assinaram um acordo para a fundação de um novo canal de esporte. E assim, em 1994, foi criado o SporTV, substituindo o Top Sport. O novo canal tinha o

plano de exibir 24 horas de esportes, focando nos nacionais. No entanto, a parceria entre Rede Bandeirantes, a Rede Globo e a Globosat, foi desfeita. Mas o canal esportivo prossegue até os dias atuais.

O SporTV foi o primeiro canal que transmitiu a Copa do Mundo de Futebol Feminino, assim como as Paralimpíadas. O primeiro programa exibido foi o 'Sport News'. Era gravado e ia ao ar semanalmente. Já o primeiro programa a ser apresentado de forma ao vivo, foi o 'Tá na Área'.

Até aqui, vimos a origem do canal e seus desdobramentos. Vamos analisá-lo nesta investigação no período do ano de 2023 ao primeiro semestre de 2024. Para fazer esta pesquisa, foi utilizada a estratégia metodológica de pesquisa documental, que explicaremos a seguir.

4.1.1 Ubuntu Esporte Clube

Em 2020, o Grupo Globo lançou o podcast Ubuntu Esporte Clube, que foca em questões raciais no esporte, além de entrevistar ícones negros esportivo, tratar sobre temas como cultura e política. A discussão é feita pelos jornalistas Rafaelle Seraphim, Diego Moraes, Marcos Luca Valentim, Pedro Moreno e Thales Ramos. Na cultura africana, a expressão Ubuntu significa "eu sou porque nós somos".

Com esta proposta, foi a primeira vez que a Globo lançava algo direcionado ao esporte, mas que também focava em discussões sobre racismo, com jornalistas negros do quadro de funcionários do SporTV.

A proposta chegou a ter um quadro no programa "Troca de Passes", exibido no dia 17 de março de 2023. O convidado em especial, na ocasião, foi o compositor, cantor, escritor e estudioso das culturas africanas, Nei Lopes. O que parecia ser um quadro que se tornaria fixo naquele programa do SporTV, subitamente foi cancelado.

Com um anúncio no perfil do Instagram eles lançaram o comunicado: *"Ficamos muito felizes com a nossa linda estreia na grade do SporTV no mês de março, recebendo o grande mestre Nei Lopes. Foi incrível a interação, a divulgação e o envolvimento de todos vocês com o projeto. Mas a ideia de um programa, nesse momento, não será possível. Lembrando que o podcast continua firme e forte! Seguiremos juntos no ge.globo e nas principais plataformas de áudios!". (Instagram:*

@ubuntuesportclube. Disponível em <https://www.instagram.com/p/CqeHWMNprSY/?igsh=MXcwMGlpdTR6MGIINA%3D%3D>. Acesso em 02 de Set de 2024).

O anúncio gerou estranheza nos comentários e algumas pessoas questionaram o porquê do repentino cancelamento. E o *podcast* ficou apenas no formato de audiovisual fora da TV.

Este curioso episódio, que aconteceu no SporTV, também reflete a complexidade em que os canais adotam em referendar projetos antirracistas como este *podcast*. E também demonstra como os jornais, com maioria de homens brancos, colocam este tipo de discussão em segundo plano.

A seguir, iremos abordar mais sobre a análise do trabalho. Com a pesquisa documental, poderemos identificar como o racismo molda as redações e as decisões de lideranças no meio jornalístico e representa uma sociedade que tem como suas lideranças, majoritariamente, pessoas brancas.

4.2 Critérios da análise de pesquisa documental

Como podemos observar nos itens anteriores, a Globo conseguiu construir uma forte rede de telejornalismo esportivo. O SporTV já está no ar há mais de 30 anos, com grande referência e credibilidade para os amantes de esportes, especialmente de futebol e com renovações, tentando se adequar ao novo contexto atual brasileiro.

O método da pesquisa documental foi fundamental para qualificar este trabalho, fazendo a análise necessária do perfil racial das jornalistas que estão em destaque de tela nesse canal. Ou seja, que estão sendo apresentadas em frente às câmeras como comentaristas ou narradoras de partidas de futebol, comentaristas ou apresentadoras de programas.

Trata-se de um método de coleta de dados que elimina, ao menos em parte, a eventualidade de qualquer influência a ser exercida pela presença ou intervenção do pesquisador do conjunto das interações, acontecimentos ou comportamentos pesquisados, anulando a possibilidade de reação do sujeito à operação de medida. (Nasser, 2008, p. 295)

O estudo deste trabalho com uma metodologia de pesquisa documental qualitativa, consiste em avaliar como estão sendo apresentadas estas mulheres negras, em um dos canais mais importantes de esporte do Brasil.

Como demonstrado anteriormente, por meio do Perfil Racial da Imprensa Brasileira, de 2021, os dados apontam como ainda são os homens brancos que ocupam estes espaços. E no telejornalismo esportivo não seria diferente. Por anos, mulheres jornalistas, de qualquer etnia, foram barradas em praticar o jornalismo esportivo. O preconceito ainda persiste em 2024, mas mudanças já são evidentes no mercado.

Dentro desse contexto, o espaço das mulheres no jornalismo esportivo foi parcialmente conquistado depois de muita luta e empenho por justiça profissional. Porém, até hoje as mulheres não desempenham um papel de igualdade em relação aos homens, isso não apenas no esporte, mas também em diversos âmbitos profissionais. A posição da mulher é questionada em ambientes que são considerados masculinos, com a justificativa de que o gênero define qualidade técnica ou domínio de um tema (Costa, 2019, p. 3).

O que parece ser evidente é que os homens, sejam eles das modalidades, especialmente o futebol, nos cargos de diretores, jogadores e técnicos, ainda parecem estar incomodados com a inserção de mulheres jornalistas dentro desta área. Um exemplo atual é uma recente declaração do técnico do clube de futebol Palmeiras, Abel Ferreira, que foi apontado como tendo uma fala machista diante a questão de uma repórter em uma coletiva de imprensa. Perguntado sobre a situação física de Mayke, jogador do clube que saiu lesionado do jogo, o treinador a interrompeu e respondeu: "Tenho que dar satisfação a três mulheres só: minha mãe, minha mulher e à Leila (presidente do clube)". A declaração gerou diversas declarações de repúdio e, após a repercussão, o próprio Abel Ferreira lançou uma nota em que falava ter sido mal interpretado.

Este é apenas um de tantos exemplos em que as mulheres jornalistas, que atuam na cobertura dos esportes, especialmente quando tratamos do futebol, a modalidade mais popular do Brasil, sofrem de forma diária.

O imaginário de que mulheres não poderiam transitar como profissionais no futebol, é marca de um histórico, em que elas foram proibidas de jogar futebol por mais de 40 anos. Este fato aconteceu em 1941, na ditadura do Estado Novo (1937-1945). Na época, o presidente Getúlio Vargas, assinou um decreto-lei dizendo que

mulheres não poderiam praticar esportes incompatíveis com as condições de sua natureza.

Portanto, foi todo um processo até que mulheres pudessem praticar o esporte e ainda atuar como profissionais de qualquer área na modalidade, assim como jornalistas. Nesse sentido, buscamos analisar além de como este gênero está inserido no telejornalismo esportivo, de que formas as mulheres estão ocupando estes espaços renegados a elas historicamente.

Por meio da pesquisa documental, iremos analisar no próximo capítulo, no recorte de tempo de 2023, ao primeiro semestre de 2024, como foi o movimento no canal SporTV em relação à introdução de mulheres no jornalismo esportivo, nos programas da televisão brasileira.

5. ANÁLISE DA PARTICIPAÇÃO FEMININA NO TELEJORNALISMO ESPORTIVO BRASILEIRO

No cenário do jornalismo esportivo, ainda que masculino, como revelam os dados do Perfil Racial da Imprensa Brasileira, de 2021, ilustrado no capítulo três, nos últimos anos houve uma crescente no número de mulheres no segmento. De acordo com a pesquisa revelada, ainda assim, a branquitude prevalece nas redações. A grande maioria, 77,60% se autodeclara branca, sendo 36,60% mulheres. Fazendo o recorte racial, 48,9% são mulheres não-negras (PRIB, 2021). O estudo indica este cenário masculinizado nas redações.

Com base nestes dados, esta pesquisa buscou analisar como as mulheres negras ocupam o jornalismo esportivo brasileiro, visto que, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2022, as pessoas negras se apresentam como 56% da população brasileira.

As mulheres conquistaram mais direitos em relação a salários e cargos como resultado de protestos feministas, mas isso não eliminou completamente a discriminação por gênero (Hooks, 2018, p.69).

Como enfatizou a autora Bell Hooks (2018), as mulheres, de modo geral, conquistaram seu espaço na sociedade, especialmente quando estamos falando de

cargos e profissões. Porém, isso não significou a abolição da dominação masculina. No que tange às representações das mulheres negras, de acordo com hooks (2018), elas continuam na invisibilidade social exatamente por não serem brancas.

No capítulo dois deste trabalho, apontamos como essas mulheres são historicamente representadas nos cargos e funções profissionais e sociais no Brasil, por conta de uma herança colonial, de um período escravocrata. Na época colonial, mulheres negras africanas e afrodescendentes foram escravizadas, resultando na exclusão social dessas pessoas no Brasil contemporâneo.

Quanto à mulher negra, que se pense em sua falta de perspectivas quanto à possibilidade de novas alternativas. Ser negra e mulher no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no mais baixo nível de opressão (Gonzalez, 1982, p.97).

Nesse caso, é importante destacar o que disse Cida Bento (2022), sobre o pacto da branquitude e sobre como a escravidão de pessoas negras deixou uma herança de marginalização dos corpos negros e como não estão amplamente representadas em cargos de destaques. Quando analisamos os cargos no telejornalismo esportivo, podemos destacar comentaristas de jogos (nesse trabalho com enfoque nas partidas de futebol), comentaristas de programas na TV, narradores de jogos, assim como apresentadores.

Bento (2022) evidenciou como as grandes corporações se colocam como defensoras da equidade de gênero e raça; contudo apenas em teoria. No contexto dos canais focados em esportes, este cenário não é diferente, como indica o Perfil Racial da Imprensa Brasileira de 2021.

Muitas dizem prezar a diversidade e a equidade, inclusive colocando esses objetivos como parte de seus valores, de sua missão e do seu código de conduta. Mas como essa diversidade e essa equidade se aplicam se a maioria de suas lideranças e de seu quadro de funcionários é composta quase exclusivamente de pessoas brancas? (Bento, 2022, p.11).

Para observar a inserção das mulheres no telejornalismo esportivo brasileiro foi preciso traçar esta relação entre equidade de gênero nas grandes redações e nos canais dos veículos de comunicação, como é o SporTV, foco desta pesquisa. Isto porque é necessário comentar como as mulheres, sejam elas negras ou não, tiverem e ainda têm, difícil acesso nestes espaços, predominantemente masculino. Fruto de

um país que marginalizou as pessoas negras, que tem homens brancos em posição de destaque.

As mulheres conquistaram mais direitos em relação a salários e cargos como resultado de protestos feministas, mas isso não eliminou completamente a discriminação por gênero (Hooks, 2018, p. 69).

Em relação às mulheres pioneiras no jornalismo esportivo, de acordo com Memórias Globo, Marilene Dabus foi a primeira a cobrir o dia a dia do futebol na imprensa brasileira. Foi setorista do Flamengo (Rio de Janeiro) na TV Tupi, sendo a primeira a entrevistar o jogador Zico, ídolo do clube, na década de 1970. Ela ainda cobriu a demissão de João Saldanha, como técnico da Seleção Brasileira de futebol masculino. Neste caso, temos que enfatizar que ela era uma mulher branca. Outros nomes como referência são Martha Esteves, Regiani Ritter e Isabela Scalabrini.

Até aquele momento, na década de 70, havia poucas mulheres no jornalismo esportivo e estas representadas eram brancas. No início, as repórteres de esportes enfrentavam ainda mais preconceitos, que podem ser observados até hoje por conta de ser um segmento dominado por homens brancos, como foi demonstrado anteriormente, com os dados do Perfil Racial da Imprensa Brasileira de 2021. De acordo com Memórias Globo, Scalabrini ouvia perguntas como: “O que você veio fazer aqui? Entende de futebol?”.

No surgimento do canal SporTV, em 1991, dentro do GloboSat, ainda com o nome de TopSport, o primeiro programa foi o "Tá na área", lançado em 1997. Naquele momento, contou com a primeira apresentação de uma mulher, que no caso não era jornalista e sim uma atriz. Betty Gofman ficou à frente da atração de 1996 a 2002, sendo era gravada e exibida semanalmente no canal. Portanto, ali, a primeira representação foi de uma mulher branca, que, no entanto, não era jornalista do segmento esportivo.

Durante a trajetória do SporTV, Glenda Kozlowski, que não é formada em jornalismo, mas hoje é conhecida como uma das grandes comunicadoras do telejornalismo esportivo brasileiro, teve seu espaço. Assim como o extinto programa, Zona de Impacto, reuniu mulheres como Susana Werner, Dora Vergueiro, Diana Bouth, Fiorella Mattheis e Carol Barcellos. A última, sendo jornalista e repórter da

Globo. Então, é possível notar como o canal não investiu em empregar jornalistas no primeiro momento, colocando na grade atrizes ou até alguma atleta.

Alguns avanços foram sendo feitos nestes 33 anos do canal. Mulheres jornalistas têm cada vez mais ganhado espaço como comentaristas, especialmente no futebol, que se popularizou no Brasil e se tornou um dos focos do canal do Grupo Globo. No entanto, como apontou Coelho (2003, citado por Carvalho, 2021), “o que sobrou foi preconceito contra opinião feminina”.

Esta realidade de discriminação e preconceito em relação às mulheres comentando, atuando como jornalistas esportivas tem a ver com o sexismo enraizado na sociedade brasileira. Como já comentado no capítulo três, o perfil racial destes profissionais são os reflexos sociais e culturais. A mulher tinha um papel social de ser uma dona de casa, que cuidava de seus filhos. Ainda que haja diferenciação do tratamento em relação à raça, o gênero também é significativo quando percebemos onde cada pessoa está inserida socialmente.

A casa era um lugar relaxante para mulheres apenas quando o marido e as crianças não estavam presentes. Quando as mulheres, em casa, dedicam todo o tempo a atender às necessidades dos outros, o lar é local de trabalho para ela, não é local de relaxamento, conforto e prazer (Hooks, 2018, p.70).

Analisando este contexto brasileiro, é possível entender porque um esporte, ainda que tão popular como é o futebol, ainda é um ambiente tão sexista seja nas arquibancadas, nos gramados, nos clubes e mesmo na cobertura da imprensa e em quem trabalha nela. Quando Paulo Vinícius Coelho (2003) cita que sobrou o preconceito contra os comentários das jornalistas, é uma realidade recorrente.

Há grandes profissionais que estão atuando como comentaristas dos jogos ou nos programas do SporTV, que ainda são rechaçadas e atacadas fortemente por homens nas redes sociais. Um exemplo é a jornalista Ana Thaís Matos, que é uma das mulheres com mais destaques como comentarista no canal, mas é vítima constante de sexismo até mesmo dos seus colegas de profissão. Em 2019, o jornalista Venê Casagrande foi demitido do site O Globo por ter proferido ofensas contra Ana Thaís. Na ocasião, em postagem no X/Twitter, ele comentou: “Vai tomar no c..., sua piranha. Vive pagando de politicamente correta e agora quer criticar a crença alheia? Vai se f...” (Site Lance, 2019. Disponível em: <https://www.lance.com.br/fora-de-campo/reporter-demitido-globo-apos-ofensas-jornalista-ana-thais-matos.html>. Acesso

em: 08 de Set 2024.) A situação teve grande repercussão, mas, ainda assim, atualmente ele trabalha no SBT Rio de Janeiro.

Ana Thaís Matos é um dos importantes nomes do telejornalismo brasileiro, especialmente quando estamos falando de SporTV e também de destaque como comentarista. Ela ficou marcada como a primeira mulher a comentar um jogo da Seleção Brasileira Feminina na TV Globo, na partida entre Brasil e Jamaica, na Copa do Mundo de 2019. Após ela, tiveram outras mulheres que estão fazendo história neste segmento. Mas, ainda assim, sendo as pioneiras de mulheres brancas. Mesmo que o avanço seja importante e significativo.

Neste trabalho, queremos analisar para além do gênero, mas entender como as mulheres negras estão ou não ganhando destaque e relevância como jornalistas esportivas no SporTV, assim como as mulheres brancas. É certo que o Grupo fez um movimento de empregar mais jornalistas para que ocupem os espaços, uma vez negados por conta da cultura sexista do futebol, dominado por homens. Mas e quanto a estas mulheres negras? Elas também tiveram, e têm, os mesmos espaços? Estes avanços também significaram um aumento de mulheres negras apresentadoras, comentaristas? Fizemos uma análise que vamos abordar no próximo item deste trabalho.

5.1. A presença da mulher negra no telejornalismo esportivo brasileiro

Como demonstrado nos capítulos anteriores, as mulheres sofrem com as consequências de um Brasil que escravizou pessoas africanas. Este fato histórico levou aos diversos fatores que contribuíram para a falta de representação dessas pessoas nos espaços sociais e culturais. Foi possível verificar a diferença de tratamento em relação a raça e gênero no país.

Quando Gilberto Freyre (2003) trouxe o conceito de democracia racial, ele quis apresentar um Brasil que foi beneficiado com a colonização portuguesa, além da miscigenação que formou a sociedade contemporânea. No entanto, já exploramos aqui como autoras como Lélia Gonzalez, Cida Bento, Silvio Almeida, analisaram de modo diferente. O que ele chama de democracia racial, na verdade seria um mito, seja quando tratamos de homens ou mulheres negras.

Como todo mito, o da democracia racial oculta algo para além daquilo que mostra. Numa primeira aproximação, constatamos que exerce sua violência simbólica de maneira especial sobre a mulher negra. (...) É por aí que a culpabilidade engendrada pelo seu endeusamento se exerce com fortes cargas de agressividade (Gonzalez, 1984, p.228).

Para entender a presença das mulheres negras no canal SporTV, foi necessário contextualizar o racismo que foi construído desde o período escravocrata brasileiro. Isto reflete exatamente em como estas mulheres estão ocupando os cargos no telejornalismo.

Apesar de notarmos que há um avanço no que se refere a jornalistas neste segmento, ainda nos perguntamos onde estão as mulheres negras. Será que este tipo de representatividade se iguala neste canal, que é um dos mais relevantes do Brasil, de um dos conglomerados de mídias mais ricos do mundo, que é o Grupo Globo?

Quanto à mulher negra, que se pense em sua falta de perspectivas quanto à possibilidade de novas alternativas. Ser negra e mulher no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no mais baixo nível de opressão. Enquanto seu é objeto de perseguição, repreensão e violência policiais (para o cidadão negro brasileiro desemprego é sinônimo de vadiagem; é assim que lenda e age a polícia brasileira), ela se volta para a prestação de serviços domésticos junto às famílias das classes média e alta da formação social brasileira (Gonzalez, 1982, p. 97-98).

5.1.1 A jornalista negra pioneira no jornalismo esportivo brasileiro

Não há registros precisos sobre a primeira mulher negra a atuar no jornalismo esportivo. No entanto, quando pesquisamos sobre este dado, um nome que sempre aparece é o da jornalista Vera Daisy Barcellos, que foi a primeira no Rio Grande do Sul, ainda na década de 1970. Os registros ainda são escassos, mas ela é considerada uma das principais representações nesta época do surgimento do jornalismo esportivo.

Vera Daisy trabalhou em diversas redações de Porto Alegre e, então, recebeu o convite do editor de esportes do jornal Zero Hora, José Emanuel Gomes de Mattos. A jornalista atuou no jornal durante 16 anos, cobrindo os esportes amadores e olímpicos. Foi com futsal que a repórter se destacou.

Além do seu trabalho dentro do jornalismo, Daisy também é ativista, e na década 70, esteve no projeto “Revista Tição”, como editora que deu voz ao Movimento Negro durante a Ditadura Militar. Por conta do conteúdo da revista, ela precisou ficar

frente a frente ao Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), em Porto Alegre. Recentemente, Vera foi presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio Grande do Sul (SINDJORS), entre os anos de 2019 e 2022.

Em uma *live* realizada em 2020, por meio do perfil no *Facebook* do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Município do Rio de Janeiro, ela falou sobre o descontentamento quanto à falta de mulheres negras no telejornalismo esportivo:

Apesar de todo o movimento dessa juventude aguerrida, nós enquanto jornalistas, enquanto negros e negras ainda somos poucos nas redações. (...) Na cobertura de esportes eu percebo que nós mulheres negras ainda somos poucas. Há uma longa caminhada ainda. O caminho ainda não está desbravado no meio da comunicação. Nos entusiasmos em ver mulheres negras apresentando programas, mas nós ainda não nos enxergamos como deveríamos estar nestes espaços. (*Live* Mulheres negras no jornalismo brasileiro. Rio de Janeiro, 03 de Set de 2020. Facebook: @sindjor. Disponível em <https://www.facebook.com/sindjor/videos/711451072767560>. Acesso em 10 de Set de 2024.)

A fala de Vera Daisy expôs exatamente o que este trabalho quer observar: como estas mulheres negras estão representadas e inseridas no mercado do telejornalismo esportivo. Na próxima seção, traremos os dados levantados sobre essa questão no canal SporTV entre 2023 e 2024.

5.2 Quem são as jornalistas mulheres brancas e negras em destaque no SporTV entre 2023 e 2024?

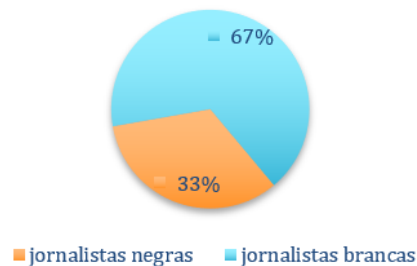
Por meio de uma pesquisa documental, analisando o SporTV durante o período de 2023 ao primeiro semestre de 2024, foi possível entender como as mulheres negras jornalistas estão ocupando os espaços no quadro jornalístico do canal. É necessário explicar que neste método a análise permanece tanto indutiva quanto dedutiva. (Nasser, 2008).

Por meio da observação neste período de tempo indicado anteriormente, foi possível chegar à conclusão de que 12 mulheres brancas estão ocupando cargos de destaques no canal esportivo, sendo 67% das jornalistas, enquanto seis mulheres negras jornalistas obtiveram algum tipo de relevância em programas ou mesmo em jogos de futebol, com a porcentagem de 33%. Esse tipo de destaque que

classificamos aqui, caracterizamos como destaque de tela, ou seja, estas jornalistas que estão sendo ativas em frente às câmeras como comentaristas em programas, em jogos, apresentadoras e narradoras de partidas. Em seguida, descrevemos quais são estas profissionais contactadas neste um ano e meio de pesquisa e observação. O gráfico abaixo apresenta a base desta observação.

Gráfico 1 - Comparativo de mulheres negras e mulheres brancas no SporTV (2023-2024)

Comparativo de jornalistas mulheres negras e mulheres brancas no SporTV (ano de 2023 e primeiro semestre de 2024)



Fonte: Elaborado pela autora em 2024

Todas, com exceção da jornalista Gabriela Moreira, que saiu exatamente no ano de 2023 e agora atua em outro segmento do jornalismo no Grupo Globo, estão atuando na área de esportes, no canal SporTV entre os anos de 2023 e o primeiro semestre de 2024, marco de tempo desta pesquisa. Abaixo é possível conferir os nomes que foram levantados durante o estudo:

Tabela 1 - Jornalistas brancas e negras no canal SporTV

Jornalistas brancas	Jornalistas negras
1. Mariana Fontes	1. Karine Alves
2. Camila Carelli	2. Débora Gares
3. Ana Thais Matos	3. Rafaelle Seraphim

4. Renata Mendonça	4. Jordana Araújo
5. Lívia Laranjeira	5. Denise Thomaz Bastos
6. Renata Silveira	6. Amanda Barbosa
7. Natália Lara	
8. Gabriela Ribeiro	
9. Gabriela Moreira	
10. Isabelly Moraes	
11. Fabíola Andrade	
12. Joanna de Assis	

Fonte: Pesquisa documental elaborada pela própria autora em 2024

Tabela 2 - Breve histórico das jornalistas brancas do canal SporTV

Jornalistas brancas	Breve histórico
1. Mariana Fontes	Foi contratada em 2021 e apresenta o programa SporTV News.
2. Camila Carelli	Trabalha no Grupo Globo desde 2022 e apresenta o programa Tá na Área.

3. Ana Thais Matos	Está no Grupo Globo desde 2012 e estreou na Copa da Rússia, em 2018, como comentarista no SporTV. É a primeira comentarista feminina da TV Globo, iniciando na partida entre Brasil e Jamaica, durante a Copa do Mundo feminina de 2019. No futebol masculino, fez seu primeiro jogo como comentarista na partida entre Santos e Athletico Paranaense, pelo Campeonato Brasileiro de Futebol de 2019. Atualmente também comenta os jogos da Seleção Brasileira masculina.
4. Renata Mendonça	A jornalista foi contratada pela Globo em agosto de 2020, e comenta jogos na TV aberta e também no SporTV e no Premiere.
5. Lívia Laranjeira	Ela é jornalista do Grupo Globo desde 2014 e atualmente é uma das repórteres de maior destaque no SporTV.
6. Renata Silveira	Em dezembro de 2020, o Grupo Globo anunciou a contratação de Renata Silveira. Com isso, Silveira se tornou sua primeira narradora de futebol. O primeiro jogo narrado foi pelo canal SporTV, na partida entre Moto Club e

	<p>Botafogo, pela primeira fase da Copa do Brasil de 2021.</p>
7. Natália Lara	<p>Em 2021 ela foi contratada pelo Grupo Globo para integrar a equipe de esportes da emissora, tanto na TV Globo, quanto no SporTV. Foi a segunda mulher a narrar no canal.</p>
8. Gabriela Ribeiro	<p>É repórter do SporTV desde 2019. Em 2021, começou a fazer rodízio como apresentadora no Globo Esporte, programa do canal aberto da Globo.</p>
9. Gabriela Moreira	<p>Com matérias de grandes destaques, ela foi repórter e apresentadora eventual do Redação SporTV até 2023, no SporTV. Atualmente migrou para redação da Globo e saiu dos esportes.</p>
10. Isabelly Morais	<p>Ela é jornalista e narradora do SporTV desde 2023.</p>

11. Fabíola Andrade	Trabalha no Grupo Globo desde 2010. Em 2020, começou a atuar no SporTV como comentarista dos programas SporTV News e Redação SporTV. Desde 2021 ela é comentarista de jogos de futebol no canal.
12. Joanna de Assis	Entrou na Rede Globo em setembro de 2006 e ganhou destaque como repórter. Foi premiada por reportagens no Globo Esporte, Jornal Nacional e Esporte Espetacular, na TV Globo. Também se destacou com reportagens no SporTV, como comentarista de programas como o extinto 'Bem, Amigos', e ainda na cobertura ao vivo do futebol, com reportagens de campo.

Fonte: Pesquisa documental elaborada pela própria autora em 2024

Tabela 2 - Breve histórico das jornalistas negras do canal SporTV

Jornalistas negras	Breve histórico
---------------------------	------------------------

1. Karine Alves	Uma das mulheres com mais destaques no segmento do esporte no SporTV desde 2021. Já apresentou o Troca de Passes de 2021 a abril de 2022. Foi a primeira mulher negra, em 15 anos, a comandar o Esporte Espetacular. Atualmente assumiu o bloco paulista do Esporte Espetacular e Globo Esporte, fazendo participações no Jornal Hoje, canal aberto. Continua sendo repórter de grandes coberturas como as Olimpíadas no Japão (2021) e na França (2024).
2. Débora Gares	É jornalista do SporTV desde 2019. Também apresenta o SporTV News eventualmente.
3. Rafaelle Seraphim	Já trabalha no Grupo Globo desde 2008. Em 2019 se tornou comentarista nos programas do SporTV, como o Redação SporTV. Desde 2023 passou a ser comentarista de jogos, estreando na partida entre Palmeiras e Grêmio, pelo Campeonato Brasileiro Feminino.
4. Jordana Araújo	Ela foi contratada em 2023 como a mais nova comentarista de jogos de futebol do SporTV. Teve sua estreia no jogo da Ladies Cup, competição de futebol feminino, naquele mesmo ano, no jogo entre Ferroviária x Santos.

5. Denise Thomaz Bastos	É repórter do Grupo Globo desde 2011. Além de atuar no SporTV também trabalha no Globo Esporte, Esporte Espetacular e Jornal Nacional.
6. Amanda Barbosa	Está no SporTV desde 2021. Atualmente é repórter do canal e atua em diversas coberturas esportivas.

Fonte: Pesquisa documental elaborada pela própria autora em 2024

Além de elencar estes nomes, fizemos uma pesquisa documental sobre suas trajetórias no Grupo Globo, especialmente no canal de esporte que estamos analisando nesta pesquisa.

Entre o ano de 2023 e o primeiro semestre de 2024, pouca coisa mudou em relação ao que estamos analisando no momento. É possível notar que o veículo de comunicação fez uma recente mudança no seu quadro de mulheres jornalistas, sejam brancas ou negras, fazendo mais contratações. No entanto, em relação às mulheres negras, os destaques em suas funções foram feitos de formas mais lentas. Os dados evidenciam a falta de igualdade de gênero e raça na redação. Podemos afirmar que as mulheres negras estão subrepresentadas.

O *corpus* documental apresentado anteriormente ratifica como o gênero e raça estão intrinsecamente ligadas quando se trata de mulheres negras ocupando espaços de destaque como no telejornalismo esportivo e mais especificamente, nesta análise, no SporTV.

Ainda que haja avanços significativos quanto ao aumento de mulheres que estão atuando nesta área, quebrando barreiras estipuladas por uma sociedade que ainda liga o futebol aos homens, percebe-se que os passos ainda estão lentos quando se trata de raça.

Segundo a intelectual bell hooks (2014, p. 25) “apesar do movimento de mulheres motivar centenas de mulheres a escrever sobre a questão da mulher, falhou em generalizar a profundidade da análise crítica da experiência das mulheres negras”.

Isso quer dizer que os movimentos ainda se baseiam apenas na questão do sexismo; no entanto, para tratar da questão de ser uma mulher negra ocupando espaços na sociedade é preciso analisar como estas podem sofrer as opressões, paralelamente, do sexismo e do racismo.

São esses tipos de reflexões que nos levam a observar como os avanços chegam nos diversos segmentos e, neste caso, no telejornalismo brasileiro. No entanto, para mulheres negras segue sendo ainda mais dificultoso deter um certo destaque em sua área de atuação.

A pesquisa também aponta, a partir do estudo do Perfil Racial da Imprensa Brasileira, de 2021, o número de 20,10% de jornalistas negros nas redações. Este número, em relação às mulheres negras, representa 54,4%. Contudo, mesmo com este dado, ainda estão sendo subutilizadas, como podemos ver neste trabalho, ressaltando poucas jornalistas negras em destaque no canal SporTV.

Também é possível conectar com os dados aqui citados em capítulos anteriores com os levantados pela pesquisa “Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil”, de 2021, realizada e analisada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Os dados apontam como a pobreza e a extrema pobreza afetam diretamente pessoas negras. Este ponto também é significativo, porque traduz como a sociedade brasileira, constituída por meio de uma colonização portuguesa, que traficou e escravizou pessoas negras, fez com que seus descendentes não tivessem a oportunidade de ingressar em universidades do mesmo modo que pessoas não brancas. Na área do Jornalismo, não foi diferente, como demonstra o estudo do Perfil Racial da Imprensa Brasileira, de 2021:

Alguns resultados da avaliação da formação escolar indicam importantes diferenças em algumas características entre negros e brancos. A utilização do FIES durante a primeira graduação é relativamente mais intensa entre negros (11,9%) do que entre os brancos (5,4%), assim como a utilização do PROUNI, 17% entre os negros e 5,7% entre os brancos. Esses resultados confirmam outros estudos em que o perfil da população negra no país, relativamente aos brancos, é caracterizado por graves desvantagens socioeconômicas. A utilização da política de cotas para ingresso no ensino superior foi acessada por 22,4% dos negros, indicando a relevância dela para permitir o acesso de significativa parcela dos estudantes à universidade (PRIB, 2021, p.15).

Neste sentido, podemos compreender por que canais de grande sucesso, como se tornou o SporTV, atuante há mais de 30 anos, ainda seguem em passos lentos quando se trata dos destaques às jornalistas negras. Elas estão conquistando seu espaço pouco a pouco, ainda que em número limitado.

Se, por um lado, o telejornalismo esportivo ainda continua sendo representado, em maioria, por homens brancos, por outro, quando nos referimos a mulheres, as que possuem mais relevâncias ou que se tornam pioneiras são as brancas. O primeiro passo dado é por elas, devido às oportunidades que estas obtiveram.

Com o estudo da autora Cida Bento (2022), compreendemos como o pacto da branquitude, que afeta tanto homens quanto mulheres, ainda que estas ainda sofram opressão por conta de seu gênero.

Além de analisar de forma quantitativa, isto é, quantidade de jornalistas negras e brancas na redação do canal SporTV, também buscamos trazer aspectos qualitativos. Para isso, conseguimos conversar com três das seis jornalistas negras contabilizadas. A seguir, trazemos algumas impressões das jornalistas negras questionadas nesta pesquisa.

5.3 Algumas impressões de jornalistas negras do SporTV

Buscamos qualificar este estudo conversando com três das seis jornalistas negras presentes atualmente na redação do canal SporTV. As seis jornalistas foram contactadas para o envio do questionário, porém somente três delas atenderam ao pedido. Realizamos um roteiro semiestruturado e aplicamos o mesmo com as três jornalistas. As consultadas concederam as respostas para uso restrito a esta pesquisa e concordaram em serem identificadas, de acordo com o Código de Ética da pesquisa qualitativa social.

A seguir, trazemos algumas impressões delas. Vale destacar que as perguntas foram enviadas por *email*, devido às mesmas morarem em outro estado e não terem a possibilidade de responderem de modo síncrono. As questões foram enviadas e respondidas por Rafaele Seraphim, Débora Gares e Jordana Araújo.

Sistematizamos, a seguir, as mesmas perguntas feitas para as três com as respectivas respostas, na íntegra, seguidas de comentários à luz do arcabouço teórico e metodológico trabalhados ao longo desta monografia.

Pergunta 1 - Foi difícil para você, enquanto mulher negra, chegar até a este posto de jornalista com certo destaque no telejornalismo esportivo?

Débora: “Sim, e a maior dificuldade foi a falta de referências. Meus primeiros contatos com o jornalismo esportivo, em meados dos anos 2010, foram em redações com equipes formadas por homens brancos em sua maioria. Entre as pouquíssimas mulheres que conheci atuando nesse ramo, nenhuma era negra. E não lembro negros (homem ou mulher) ocupando cargo de chefia, por exemplo. Esse perfil tem mudado de uns anos pra cá, mas a passos lentos e praticamente sem pessoas pretas em níveis mais altos de hierarquia.”

Rafaelle: “Foi muito difícil. O caminho é longo e com poucas oportunidades. Quando a oportunidade chega, você tem que estar pronta, mesmo não tendo as mesmas chances para aperfeiçoar seu talento. Então, ainda hoje, vemos poucas mulheres negras conseguindo chegar nesse espaço.”

Jordana: “Muito. Sou nascida e criada na periferia de Osasco, filha de uma diarista e um vendedor ambulante, mulher negra e mãe. Todas essas questões em uma sociedade atravessada pelo racismo estrutural e o machismo tornou o caminho mais longo e difícil. Gosto de ressaltar que sempre tive apoio da minha família, mas fora do ambiente familiar era questionada: questão social, financeira, aparência...em 2006, quando decidi que queria trabalhar com o jornalismo esportivo, o mercado não era muito ocupado por mulheres e as que estavam lá não era nada parecida comigo, então por muitas vezes questionei se poderia alcançar esses espaços. Antes de ingressar e me firmar tive que recorrer a outras frentes de trabalho para sobreviver, fui babá, arquivista, recepcionista, caixa, vendedora de bijuteria, auxiliar e assistente administrativo. Priorizar a minha sobrevivência e o mínimo de estrutura me impediu ter alguns acessos importantes para a minha formação, entretanto, sem romantizar sofrimentos, tudo isso me fortaleceu para seguir firme e encarar o fato de ser mulher no mundo da comunicação. (informação oral; oriunda de questionário, 2024)

As respostas demonstram como é difícil mulheres negras acessarem estes espaços, ainda mais sendo tão masculinizados. Para o gênero, seja mulher negra ou não negra, ainda é um local a ser conquistado. Porém, como citou Rafaelle: “o caminho é longo e com poucas oportunidades”.

Outro ponto importante a ser observado é o enfoque que a Débora fez ao falar sobre pessoas negras ocuparem cargos de chefia. De acordo com o Perfil Racial da Imprensa Brasileira, de 2021, quando se trata de cargos gerenciais, de alta escala nas redações, apenas 38,6% são de pessoas negras. Estes números refletem o histórico

de um Brasil escravocrata que marginalizou ex-escravizados, que conseguiram poucos trabalhos depois da abolição da escravatura.

Atualmente, como explicado nos capítulos anteriores, por conta deste histórico de escravidão dos seus descendentes, pessoas negras ainda não estão representadas em cargos de poder e chefia. De acordo com Cida Bento (2022), citando Florestan Fernandes (2008):

a escravidão deformou o seu agente de trabalho, impedindo que o negro e o mulato tivessem plenas possibilidades de colher os frutos da universalização do trabalho livre [...] existia a alternativa de substituí-lo, pois os imigrantes eram numerosos e tidos como poderosos e inteligentes trabalhadores [...]. Entenda-se que nada disso nascia ou ocorria sob o propósito (declarado ou oculto) de prejudicar o negro". Com as respostas das jornalistas podemos observar este fenômeno social. (Bento 2022 *apud* Fernandes, 2008, p. 15)

Com base nestes estudos chegamos até a questão de número 2, pois a herança escravocrata resultou na discriminação racial por conta dos traços de afrodescendência das pessoas. Este preconceito também norteia os âmbitos de trabalhos, como já foi explicado nos capítulos anteriores.

Nesta pesquisa foi importante averiguar se as jornalistas consultadas sofreram ou sofrem algum tipo de racismo, o que pode interferir no espaço em que ocupam no telejornalismo esportivo.

Pergunta 2 - Você já sofreu algum tipo de discriminação racial no trabalho? Se sim, como foi?

Débora: "Já, há muitos anos, numa troca de e-mails entre colegas de redação (tempos pré-grupos de Whatsapp) em que um desses colegas falou mal do meu cabelo como retaliação por uma brincadeira que eu tinha feito com ele. Foi devastador pra mim no momento e senti que o acolhimento dos colegas poderia ter sido melhor."

Rafaelle: "Eu nunca sofri racismo no trabalho diretamente, com uma ofensa proferida a mim. Mas, o fato de eu ser a única comentarista negra do esporte no Rio de Janeiro reforça que ainda temos um caminho muito longo para quebrar a estrutura que ainda é racista."

Jordana: "O letramento racial me possibilitou entender que o racismo estrutural dita a nossa sociedade e que ainda temos muito a caminhar para evoluir nesse sentido. Nesse contexto te digo que essa violência me acompanha constantemente. As pessoas não se acostumaram a ver uma mulher negra com traços negroides em determinadas posições. Da primeira oportunidade pisando em um estádio para exercer uma função em uma transmissão até a última vez eu percebi o tom de surpresa nas vozes que questionam a minha função; (informação oral; oriunda de questionário, 2024)

A falta da presença negra nestes cenários de destaque do telejornalismo esportivo evidencia o racismo que está estruturalmente enraizado como descrito por Silvio Almeida (2019):

(...) o racismo é uma ideologia, desde que se considere que toda ideologia só pode subsistir se estiver ancorada em práticas sociais concretas. Mulheres negras são consideradas pouco capazes porque existe todo um sistema econômico, político e jurídico que perpetua essa condição de subalternidade, mantendo-as com baixos salários, fora dos espaços de decisão, expostas a todo tipo de violência. (Almeida, 2019, p. 43)

A autora Angela Davis (2016), como descrito nos capítulos anteriores, fez um estudo em como a raça, classe e gênero estão relacionados entre si. Sendo estes fatores colaboradores para um racismo estrutural que faz com mulheres negras sejam podadas sem seus trabalhos, seja na forma de se vestirem, de manifestarem sua religiosidade, especialmente quando esta religião é de matriz africana, assim como a utilização de seus cabelos naturais e/ou cabelos que são características da cultura afrodescendente, como tranças ou dreads. Isso impacta diretamente a vida das mulheres negras e como a jornalista Jordana relatou essa violência acompanha constantemente as pessoas racializadas, em qualquer espaço e até mesmo profissão.

Pergunta 3 - Já houve alguma sugestão de mudança na aparência pelo fato de ser negra para comentar/participar de algum programa?

Débora: “Não. Pelo contrário. Foi a coordenadora do figurino da ESPN (canal esportivo fechado que Débora trabalhou antes de ir para o SporTV) que me sugeriu parar de relaxar o cabelo há cerca de 10 anos. Foi um processo longo e difícil de transição capilar, mas também muito libertador. Percebo que o desafio hoje em dia é ensinar os profissionais que cuidam de quem aparece no vídeo as formas de se lidar com o cabelo crespo. A maioria não sabe o que fazer.”

Rafaelle: “Nunca!”

Jordana: “Não diretamente porque eu sempre fiz questão de impor o uso do meu black-power, tranças, dreads, mas ao longo do caminho já ouvi “sugestões” de produtos para regular volume do cabelo”. (informação oral; oriunda de questionário, 2024)

A discriminação racial por conta dos traços característicos de pessoas negras, refletida no receio de ser uma pessoa racializada no mercado de trabalho, está ligada ao que foi dito anteriormente. O racismo que foi estruturalmente enraizado na cultura brasileira, colocou traços considerados de pessoas não-negras, como cabelos lisos, nariz mais finos, bocas menos volumosas dentro de um padrão de beleza a ser

alcançado. Meninas e meninos negros buscam desde a infância a validação social, tentando se aproximar a este padrão.

Apesar das consultadas descreverem como não sentiram que sofrem com racismo no ambiente de trabalho, no sentido deste padrão estético, é ele que também molda como as jornalistas devem ou não devem se apresentar diante dos jornais nas TVs, seja no jornalismo esportivo ou outras áreas da profissão.

Partindo dessa reflexão, podemos perceber que o padrão eurocêntrico das jornalistas esportivas é utilizado pelo meio como uma estratégia capitalista dos donos dos meios de comunicação para atrair a audiência da classe masculina (Santos, 2024, p. 86).

A reflexão que Santos (2024) traz em seu artigo coloca outro ponto essencial para os padrões de beleza nos telejornalismos esportivos: a questão de os donos do meio de comunicação atraírem os homens para assistirem ainda mais os programas de esportes.

Esta observação também demonstra como o jornalismo esportivo ainda é um ambiente masculino. Seja para quem assiste os programas, seja nas redações, essa mudança tem acontecido aos poucos, mas as mulheres negras ainda ocupam poucos espaços de destaque e o padrão de beleza foi imposto socialmente por conta desse histórico escravocrata aqui já abordado anteriormente.

Pergunta 4 - Você já sofreu algum tipo de discriminação racial por ser uma mulher negra no telejornalismo esportivo? Se sim, como foi?

Débora: “Nunca sofri nada explícito no jornalismo esportivo. Mas vejo que ainda há muitas barreiras a serem vencidas. Não vejo mulheres negras correspondentes internacionais ou cobrindo esportes mais elitizados, como tênis e fórmula um. E mais uma vez, ainda não estão em número suficiente nos cargos de tomada de decisão.”

Rafaelle: “É a mesma resposta que dei na pergunta 2. Se a gente ainda não consegue ter equidade de gênero e raça, ainda temos que lutar e correr atrás para destruir a estrutura. Precisamos passar da fase de representatividade com apenas uma ou duas e avançar para a proporcionalidade.”

Jordana: O letramento racial me possibilitou entender que o racismo estrutural dita a nossa sociedade e que ainda temos muito a caminhar para evoluir nesse sentido. Nesse contexto te digo que essa violência me acompanha constantemente. As pessoas não se acostumaram a ver uma mulher negra com traços negroides em determinadas posições. Da primeira oportunidade pisando em um estádio para exercer uma função em uma transmissão até a última vez eu percebi o tom de surpresa nas vozes que questionam a minha função. (Jordana optou por utilizar a mesma pergunta da segunda questão). (informação oral; oriunda de questionário, 2024)

O comentário da jornalista Débora Gares sobre os esportes considerados mais elitizados, como o tênis e Fórmula 1, é interessante na percepção de que, se o futebol, tão popular no Brasil, ainda é tão escasso no que se refere a ter representações de mulheres negras no telejornalismo esportivo.

Atualmente, quanto às correspondentes internacionais, temos o exemplo da jornalista Karine Alves do SporTV, com grande destaque atualmente, que já cobriu as Olimpíadas do Japão (2021) e da França (2024); mas, ainda assim, podemos notar como são eventos pontuais e não se trata de uma correspondente que more em outro país.

A pesquisa de Santos (2021) expôs que o Grupo Globo é o veículo de comunicação que está com seu quadro de funcionários com mais jornalistas negras no telejornalismo. Ainda que existam outras emissoras direcionadas a esportes, as mulheres brancas são maioria quando se trata de inclusão.

A autora destacou como esse cenário revela o quadro de violência sexista e racista:

A combinação de racismo, machismo e violências históricas faz com que a imagem da mulher negra não seja a esperada na televisão, quanto mais em programas esportivos, que são voltados para o público masculino e têm histórico de explorar ideias de beleza feminina para alavancar a audiência (Santos, 2021, p.32).

Além disso, também foi preciso fazer um questionamento às jornalistas, para saber como elas percebem a inclusão e presença de mulheres negras no telejornalismo esportivo, ainda com este histórico de racismo, sexismo e violências comentado anteriormente. É importante esta análise de quem já está atuando no próprio canal objeto desta pesquisa.

Pergunta 5 - Como você avalia a participação de mulheres negras no telejornalismo esportivo brasileiro?

Débora: “Como uma conquista importantíssima pro avanço da igualdade de gênero e de raça no nosso país. O esporte atinge um público gigantesco e além de divertir, informa e educa também. Ter mulheres negras em lugar de destaque nesse ambiente é uma forma poderosa de passar uma mensagem de igualdade, respeito e confiança em quem representa uma parcela gigantesca na nossa sociedade.”

Rafaelle: “Falta um longo caminho ainda. Mas é bom e importante ver que hoje temos mulheres pretas diversas em canais como o SportTV, a ESPN, a CAZE TV, por exemplo. Mas vamos buscar ainda mais espaço para que essa

porta esteja sempre aberta para mais mulheres negras chegarem, ocuparem e permanecerem.”

Jordana: “Nos últimos anos demos passos importantes, Denise Tomaz Bastos, Rafaelle Seraphim, Juliane Santos, Day Natale, Amanda Barbosa são excelentes profissionais, mulheres potentes que potencializam e fomenta outras meninas, mas ainda temos muito a caminhar. Ainda somos minoria por uma questão de oportunidades mesmo, porque temos mulheres pretas competentes para ocupar esses espaços, por tanto ainda temos muito a caminhar ainda”. (informação oral; oriunda de questionário, 2024)

(Juliane Santos é repórter do The Champions SP e do UOL Esporte e Day Natale é repórter da Cazé TV).

A conclusão, com as respostas das três profissionais, é de que ainda há um caminho a ser percorrido no que tange a mulheres negras jornalistas no telejornalismo esportivo. Ainda que o canal SporTV seja um grande exemplo de inclusão dessas mulheres, elas ainda são minoria dentre aquelas que têm destaques nos programas e dentre as que são comentaristas de jogos de futebol, grande foco do canal.

As mudanças são estruturais, pois estão moldadas desde uma época colonial em que mulheres negras foram escravizadas e, além de serem exploradas em sua força de trabalho, também como objeto sexuais, eram lidas como corpos reprodutivos que geravam outros pequenos seres humanos que se tornariam escravos naquele contexto social.

É possível observar como as três jornalistas entendem seu lugar e representação dentro do telejornalismo esportivo, assim como também expõem que, apesar dos avanços, mulheres negras com papéis de destaque dentro deste cenário ainda é limitado.

O intuito desta pesquisa é demonstrar como a realidade destas jornalistas ainda é diferente das mulheres brancas. Jordana Araújo, Débora Gares e Rafaelle Seraphim acabam sendo pioneiras, por mais que esta pesquisa seja atual, entre os anos de 2023 e 2024.

Quando se trata de inclusão de gênero e raça neste segmento jornalístico, as comunicadoras brancas ainda são aquelas que possuem mais destaques, como pudemos observar no gráfico destacado. No entanto, se hoje temos este número, dentro de um dos maiores canais de esporte, que é o SporTV, que, segundo Santos (2021), tem o maior quadro de mulheres negras no telejornalismo esportivo, ainda é

um processo lento, com pouca representação em funções de mais evidência nos programas e jogos de futebol.

Podemos concluir, portanto, que os reflexos do período escravocrata deixaram também uma forte herança no contexto do mercado de trabalho brasileiro e isso reflete diretamente no telejornalismo esportivo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa demonstrou como as mulheres negras estão pouco representadas no telejornalismo esportivo, com enfoque no canal do Grupo Globo SporTV, no período de 2023 ao primeiro semestre de 2024.

Neste sentido, é possível observar a diferença de oportunidades entre mulheres brancas e não-brancas. As análises das autoras Angela Davis (2016), Cida Bento (2022), Lélia Gonzalez (1982 e 1984) e Beatriz Nascimento (1976) certificaram o racismo e o sexismo existentes na sociedade, especialmente a brasileira, enfatizando sobre as intelectuais deste país.

Num caso, o papel da raça na geração de desigualdades sociais é negado, noutro o preconceito (racial) é reduzido a um fenômeno de classe e, por último, a discriminação racial constitui um resíduo cultural do já distante passado escravista. Nenhuma destas perspectivas considera seriamente a possibilidade da coexistência entre racismo, industrialização e desenvolvimento capitalista (Gonzalez, 1982, p.88).

Para analisar como as jornalistas negras estão presentes no telejornalismo brasileiro, utilizamos alguns fatores: a) o histórico escravocrata da sociedade brasileira que tornou os negros e negras marginalizados socialmente, seja nos seus empregos ou em qualquer espaço que possa ocupar; b) a questão do mercado do mercado de trabalho e a herança do período colonial refletido nas ocupações; c) por fim, uma análise sobre a presença das mulheres negras no SporTV, com as respostas do questionário enviado para as jornalistas do canal, Débora Gares, Rafaelle Seraphim e Jordana Araújo.

Além disso, foi traçado um breve histórico do jornalismo para que pudéssemos compreender sua origem e como o telejornalismo esportivo se tornou um importante segmento para o público que gosta de acompanhar notícias de esportes.

Houve um grande investimento em imagens, reportagens que cativassem o público e mostravam o quão importante o jornalismo esportivo na TV se tornou para a sociedade. Um grande exemplo é a forte cobertura do SporTV durante a final do jogo entre Flamengo e River Plate na final da Copa Libertadores de 2019, uma competição continental que foca nos clubes sulamericanos. Na ocasião, após 38 anos, o clube brasileiro chegava em outra decisão. A última foi em 1981, quando o ídolo do rubro-negro carioca, Zico, ainda era atleta ativo.

O canal esportivo da Rede Globo, fez diversas reportagens, além de acompanhar, em tempo real, a ida do ônibus do Flamengo até o aeroporto, transmitindo o elenco decolando com destino a cidade de Lima, no Peru, onde seria a final da Libertadores. A vitória do clube carioca resultou em ainda mais matérias, aproveitando-se do fato de que o time é um dos mais populares, com maior torcida do Brasil.

Se o SporTV tem tamanha relevância em cobertura de esportes, como citado durante o trabalho, como Olimpíadas, Copa do Mundo Masculina e Feminina, é fundamental observar como estão escalando os jornalistas do canal e como estão buscando a igualdade de gênero e raça.

No entanto, infelizmente, neste estudo foi possível notar que, ainda que defendam a teoria da diversidade, o Grupo Globo está longe de ter uma representação de mulheres negras nas coberturas de esportes. Na análise realizada no período

determinado anteriormente, por exemplo, não foi encontrada nenhuma mulher negra narradora de partidas de futebol, apenas mulheres brancas, com Renata Silveira, sendo a pioneira nesse processo de inclusão do Grupo Globo.

É perceptível que, ainda que haja jornalistas negras qualificadas, elas ainda são minoria em funções de destaque. É uma longa caminhada para fazer com que estas sejam notadas. Essa mudança no que diz respeito à inclusão de mulheres negras na grade do SporTV é um movimento recente e a pequenos passos.

Como enfatiza Cida Bento (2022), fica bem nítido como são complexos os processos de inserção de negras e negros no mercado de trabalho. Ela apontou que a neutralidade e objetividade são obsoletas quando se trata de uma sociedade marcada por preconceito e discriminação.

Este trabalho foi necessário para compreensão de toda esta estrutura racista e sexista, refletida aqui no telejornalismo esportivo. Como resultado, observou-se que, para o combate ao racismo estrutural, herança deste período colonial que marginalizou a população negra, é fundamental que haja mais presença de pessoas negras para mudar o cenário atual. Essa presença precisa ser valorizada e qualificada.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BENTO, Cida. **O Pacto da Branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras. 2022.

BRASIL, Conselho Nacional do Ministério Público. **Perfil étnico-racial do Ministério Público brasileiro / Conselho Nacional do Ministério Público**. Brasília: CNMP, 2023.

BRASIL, Repórter da Agência. **Cem anos do rádio no Brasil: o nascimento do radiojornalismo**. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-07/cem-anos-do-radio-no-brasil-o-nascimento-do-radiojornalismo>. Acesso em 10 de Set de 2024.

CARVALHO ROCHA, Hellen Quecia. **O Protagonismo Feminino No Jornalismo Esportivo Da Rede Bandeirantes De Televisão**. 2021. 92 folhas. Monografia (Graduação em Comunicação Social/Jornalismo). UFMA: São Luís, 2021.

CIA, & Jornalistas; JORNALISTAS; Portal dos. CORDA, Instituto; I'MAX, **Pesquisas. Perfil Racial da Imprensa Brasileiro**, 2021.

DAVIS, Angela. **Mulheres Negras, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

ESTATÍSTICA, Instituto Brasileiro de Geografia e. **Censo 2022**. Disponível em: <https://basedosdados.org/dataset/08a1546e-251f-4546-9fe0->

b1e6ab2b203d?table=ebd0f0fd-73f1-4295-848a-52666ad31757&utm_term=ibge%20censo%202022&utm_campaign=Conjuntos+de+dados+-+Gratuito&utm_source=adwords&utm_medium=ppc&hsa_acc=9488864076&hsa_campaign=20482085189&hsa_grp=162202460121&hsa_ad=690125801884&hsa_src=g&hsa_tgt=kwd-1406992943923&hsa_kw=ibge%20censo%202022&hsa_mt=b&hsa_net=adwords&hsa_ver=3&gad_source=1&gclid=CjwKCAjwooq3BhB3EiwAYqYoEidnjzOOowHM-KEIPMXGIV1m9qv9m7Yuld7FRuFLGx9qkoWVYLVvARoC4ZAQAvD_BwE. Acesso em 20 de Set de 2023.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & Senzala**. São Paulo: Global Editora, 2003.

GONZALEZ, Lélia. **O Lugar da Mulher**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.

GONZALEZ, Lélia. **Lugar de Negro**. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero Limitada, 1982.

GLOBO, Memória. **Concepção e estreia**. Memória Globo, 2024. Disponível em: https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional/noticia/concepcao-e-estreia.ghtml#ancora_1. Acesso em 09 de Set de 2024.

GLOBO, Memória. **Isabela Scalabrini**. Memória Globo, 2021. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/isabela-scalabrini/noticia/isabela-scalabrini.ghtml>. Acesso em 10 de Set de 2024.

GLOBO, O. **Morre Marilene Dabus, 80 anos, pioneira do jornalismo esportivo** O Globo, 2020. Disponível em <https://oglobo.globo.com/esportes/morre-marilene-dabus-80-anos-pioneira-do-jornalismo-esportivo-24196530>. Acesso em 08 de Set de 2024.

HOOKS, Bell. **Eu não sou uma mulher? Mulheres Negras e Feminismo**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Senac São Paulo, 2000.

MARTINS, Martins. **Vera Daisy Barcellos é pioneira no jornalismo esportivo gaúcho**. Medium, 2020. Disponível em <https://medium.com/betaredacao/vera-daisy-barcellos-%C3%A9-pioneira-no-jornalismo-esportivo-ga%C3%BAcho-2b89555b98ee>. Acesso em 10 de Set de 2024.

META. **Comunicado Oficial**. 31 de Março de 2023. Instagram: @ubuntuesporteclube. Disponível em <https://www.instagram.com/p/CqeHWMNprSY/?igsh=MXcwMGIpdTR6MGIINA%3D%3D>. Acesso em 02 de Set de 2024.

META. **Live Mulheres negras no jornalismo brasileiro**. Rio de Janeiro, 03 de Set de 2020. Facebook: @sindjor. Disponível em <https://www.facebook.com/sindjor/videos/711451072767560>. Acesso em 10 de Set de 2024.

NASSER, Ana Cristina. **A pesquisa qualitativa : enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

OBSERVATÓRIO. **Ubuntu Esporte Clube – O esporte contado na visão de jornalistas negros e negras da Globo**. Observatório Racial do Futebol, 2020. Disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/ubuntu-esporte-clube-o-esporte-contado-na-visao-de-jornalistas-negros-e-negras-da-globo>. Acesso em 10 de Set de 2024.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

REDAÇÃO. **Repórter é demitido do ‘O Globo’ após ofensas a jornalista Ana Tháís Matos**. Lance, 2019. Disponível em: <https://www.lance.com.br/fora-de-campo/reporter-demitido-globo-apos-ofensas-jornalista-ana-thais-matos.html>. Acesso em: 08 de Set 2024.

REDAÇÃO. **SporTV 30 anos: canal revolucionou a forma de acompanhar esporte no Brasil**. GE, 2021. Disponível em: <https://ge.globo.com/sportv/noticia/sportv-30-anos-canal-revolucionou-a-forma-de-acompanhar-esporte-no-brasil.ghtml>. Acesso em: 08 de Set 2024.

SANTOS, Amanda Cardoso dos. **Jornalistas Negras e o Racismo No Jornalismo Esportivo Televisivo**. 2021. 54 folhas. Monografia (Graduação em Comunicação Social/Jornalismo). ECO/UFRJ: Rio de Janeiro, 2021.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SODRÉ, Muniz. **Do lugar de fala ao corpo como lugar de diálogo: raça e etnicidades numa perspectiva comunicacional**. Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde, 2019. Disponível em <https://doi.org/10.29397/reciis.v13i4.1944>. Acesso em: 09 de Set de 2024.

SOUSA, Li-Chang Shuen Cristina Silva. **Cobertura Esportiva na Televisão: Jornalismo ou Entretenimento?** 2005. 158 folhas. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social/Jornalismo). UFPE: Recife, 2005.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são**. Florianópolis: Isular, 2005.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Roteiro de perguntas sistematizadas enviadas para as jornalistas

1. Foi difícil para você, enquanto mulher negra, chegar até a este posto de jornalista com certo destaque no telejornalismo esportivo?
2. Você já sofreu algum algum tipo de discriminação racial no trabalho? Se sim, como foi?
3. Já houve alguma sugestão de mudança na aparência pelo fato de ser negra para comentar/participar de algum programa?
4. Você já sofreu algum algum tipo de discriminação racial por ser uma mulher negra no telejornalismo esportivo? Se sim, como foi?
5. Como você avalia a participação de mulheres negras no telejornalismo esportivo brasileiro?

APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE)

A presente pesquisa, sob o título “**A COR DA MÍDIA ESPORTIVA BRASILEIRA: a presença da mulher negra no telejornalismo esportivo**”, realizada em 20224, no âmbito da Graduação de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) – Campus São Luís, sob a orientação da professora doutora Flávia de Almeida Moura, terá como procedimento metodológico a pesquisa documental com questionários individuais. A pesquisa tem como objetivo o estudo da presença de jornalistas negras no telejornalismo esportivo brasileiro, com enfoque no canal do Grupo Globo, SporTV.

O resultado do estudo será apresentado como requisito para a obtenção do Grau de Bacharel em Jornalismo pela UFMA. Em concordância com a pesquisadora, a consultada autoriza a publicação do conteúdo deste questionário realizado. Fica assegurado à consultada a possibilidade de manter contato com a pesquisadora responsável pelos dados, para esclarecimentos necessários. Para isso, os dados de contato são: Danielle Louise Rocha Brito, Avenida Perimetral Sul, Condomínio Atlântico, Bloco M, Apartamento 403, Bequimão – (98) 98161-1175 – danielle.brito@discente.ufma.br.

Desse modo, a consultada sobrescreve o formulário abaixo autorizando o uso de seus relatos no referido trabalho acadêmico.

Eu _____, carteira de
identidade _____ nº _____,
endereço _____,
telefone _____, venho, por meio deste, comprovar minha
participação voluntária na pesquisa realizada pela graduanda Danielle Louise Rocha
Brito, da Universidade Federal do Maranhão, intitulada “**A COR DA MÍDIA
ESPORTIVA BRASILEIRA: a presença da mulher negra no telejornalismo esportivo**”.
Estou ciente de que responderei o questionário de maneira voluntária e verídica, no
que tange a finalidade desta pesquisa. Estou ciente, também, que posso deixar de
responder qualquer pergunta sem que nenhuma implicação recaia sobre mim, além
de concordar, para fins científicos, com a utilização das informações obtidas nesse
estudo.

ASSINATURA

São Luís ____/____/____